



Capa e Batina



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Editorial

NOVOS DESAFIOS

A princípio era um núcleo de amigos generosos e empenhados. Depois foi Associação inscrita em letra de forma e registada nos notários do Estado de Direito. A seguir cresceu, ganhou massa crítica, enriqueceu e enriqueceu-nos, foi produto da nossa vontade e causa de muitas das nossas alegrias.

Sonhámos, ousámos e realizámos. Definimos objectivos, traçámos metas e colhemos os frutos do nosso querer colectivo. Criámos confiança, desenvolvemos a auto-estima, prestigiámos-nos como Associação e como seus associados.

E, afinal, tudo isto em tão pouco tempo!

Há 10 anos atrás ocupávamos um modesto e exíguo espaço nas Taipas. Há muito poucos anos atrás ainda coabitávamos com a Casa das Beiras, com as limitações próprias de um arrendatário.

Hoje, dispomos de instalações próprias e condignas!

Há 10 anos vivíamos ainda em circuito quase fechado, com diálogo muito limitado com as comunidades académica e local.

Na verdade, importa dizê-lo, em 10 anos muita coisa mudou e para melhor, nomeadamente:

- Abrimo-nos à Academia de Coimbra, gozando hoje de um relacionamento salutar e profícuo, potenciador de intercâmbios culturais, que têm reforçado o respeito mútuo e posicionado a nossa Associação como parceiro de primeira linha da AAC;
- Abrimo-nos à comunidade lisboeta, onde nos inserimos profissional e familiarmente, quer por via de protocolos de cooperação com Associações, quer através da colaboração pontual, mas estratégica, com outras entidades e forças vivas locais, prestigiando a nossa Associação, Coimbra e a sua Universidade;
- Criámos pontes de comunicação com o grande público, que carecem de aprofundamento, mas já visíveis no espaço de que temos vindo a usufruir na Antena 1;
- Desenvolvemos hoje uma actividade cultural digna de registo, recentemente consubstanciada na activa e dinâmica participação nas evocações de Miguel Torga, José Régio, Vitorino Nemésio;
- Intensificámos o ritmo de palestras, tertúlias e conversas quinzenais, envolvendo os nossos associados na criação de cultura e saber;
- Aprofundámos a nossa relação com a Universidade de Coimbra e Associações nossas congéneres, mobilizando vontades para a criação da Federação que tanto ambicionamos.

Em suma, temos hoje uma Associação viva, dinâmica, em crescimento e dignamente instalada, à custa do mais reconfortante dos esforços – o nosso. Aqui chegados, iríamos por mau caminho se nos perdéssemos em exercícios de auto-consolação, olhando ao espelho com o falso e enganador ar dos triunfadores. Não, não vamos por aí!

Novos e reconfortantes desafios nos esperam. E a melhor forma de prestarmos tributo às conquistas que temos conseguido é fazermos uso do nosso inconformismo e lançar novas metas, que mobilizem ainda mais e melhor a nossa vontade.

Neste contexto, importa dar continuidade ao que de bom temos feito e apostar desde já, nomeadamente, em:

- Ir ao encontro de novos sócios e sócios novos;
- Avançar com a criação da Real República do Antigo Estudante de Coimbra;
- Dinamizar a actividade cultural e lúdica da nossa Associação numa lógica inclusiva, como temos vindo a fazer.

É este o caminho que importa trilhar a bem da nossa Associação, de Coimbra e da sua Universidade, numa palavra, a bem de todos nós, enquanto antigos estudantes de Coimbra.

António Ribeiro

81.º ANIVERSÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA - 2001

De ano para ano, conseguimos tornar esta comemoração a gosto de todos os que nela intervêm (no palco e não só...) e, acima de tudo, merecer dos que assistem comentários como **"foi a mais digna e de maior qualidade"**.

Teve a seu favor contributos como o do próprio jantar, cuja ementa, com o requinte merecido, confortou fisicamente o desgaste emocional dos tais encontros que ainda persistem em ser só anuais.

A todos os participantes e espectadores (cerca de 500) agradeceu a Presidente da Direcção, Fátima Lencastre, dizendo:

"Mais uma vez sejam todos bem-vindos: Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, Vice-Presidente da Assembleia-Geral da AAEC em Lisboa, em representação do Presidente da Assembleia-Geral, o nosso querido Almeida Santos, que hoje (ao fim da tarde) pediu que todos relevássemos a sua falta aqui, dada por absoluta impossibilidade de estar presente, mas manda um abraço para todos e a promessa de que isto foi uma excepção. Para o ano tê-lo-emos cá, prometeu. Senhor Presidente do Conselho Fiscal, meus Colegas da Direcção, ilustres homenageados, seus familiares e oradores, digníssimo Administrador do Casino, representante da Câmara Municipal de Vila do Conde, Dr. Walter Hugo Lemos; Presidentes das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto, no Vale do Mondego, em Braga e na que está em formação, do Algarve; digníssimos Presidentes da Casa da Académica em Lisboa, da Academia da Guitarra Portuguesa e do Fado, da Casa dos Açores e da Casa das Beiras; jovens embaixadores da Academia de Coimbra, representando o Presidente da Direcção-Geral, o Nuno Mendes e, Presidente da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra, a grande Paulinha Neto.

Colegas e Amigos. Sois todos vós, Instituições e Amigos, que fortaleceis o elo à volta de Coimbra, aproximando-vos da nossa Associação para partilhar connosco as suas vivências e espírito de solidariedade que as anima; mas nós também correspondemos na mesma medida, neste invejável dar e receber sem contabilidade, com o intuito apenas de enriquecimento mútuo, mas respeitando sempre o que é próprio de cada um e trabalhando para o bem de todos. Não houvéramos mais para dar e bastaria o entusiástico encontro de todos ali no hall e aqui dentro, para compensar o grande empenho neste ponto alto das celebrações Académicas, sob a presidência sempre atenta e muito amiga do nosso Magnífico Reitor. E até este momento nós já recebemos muito. Começámos pela Exposição do espólio de José Régio que viram no foyer do Casino e, quem não viu, perdeu uma oportunidade única de ver peças que vieram directamente da "Casa Museu do José Régio" em Vila do Conde, pela mão do Dr. Walter Hugo Lemos, em representação da Câmara Municipal de Vila do Conde e com a intervenção e ajuda

do sobrinho de José Régio - Eng. Reis Pereira - que nos deu a honra de estar entre nós.

Passamos depois - e com que deleite - pelo espumante que continua jorrando da generosidade e (ao que consta) também da algibeira do Dr. Mário Assis Ferreira, Presidente do Conselho de Administração do Casino Estoril. - Senhor Doutor que as caves vinícolas nunca lhe sequem... - E culminamos com a persistente defesa dos nossos interesses, por parte dos insubstituíveis Joaquim Couto, Director Comercial do Casino Estoril, e da sua gentil Assistente Susaninha Roxo... E ai de quem queira substituí-los! Porque então haveria outra Tomada da Bastilha - ouça-se - Tomada do Casino.

*Claro que tudo isto com o conforto material, sempre necessário, do Banco Português de Investimento - BPI -, pela mão do Presidente do Conselho de Administração, meu amigo pessoal e colega, Dr. Artur Santos Silva, que a todos abraça e que promete apoiar-nos no nosso grande projecto que é a **Real República do Antigo Estudante de Coimbra**, de que já temos registo feito.*

Vai seguir-se um "Show Nosso" de luxo cultural e artístico, na exacta dimensão do merecimento dos ilustres palestrantes e talentosos intervenientes, regido com o peso (profissional) e a graça do jovem Colega António Nogueira.

Se não vejamos: o Dr. Bigotte Chorão, que é Presidente do Ciclo Eça de Queirós e Administrador da Verbo, vai apresentar-nos o Prof. Doutor Veríssimo Serrão, não em jeito de homenagem, que a tal se opôs a modéstia do visado, como é timbre dos grandes Homens.

A seguir, o Prof. Doutor Eugénio Lisboa vai tentar espartilhar nos escassos dez minutos que lhe concedemos, o seu muito saber sobre José Régio. Eugénio Lisboa é também poeta e o maior regiano. Do seu saber já fomos testemunhas, numa Conferência magnífica que nos ofertou nas Comemorações do Centenário do Nascimento de José Régio que a nossa Associação promoveu e que também contiveram uma Tertúlia Académica na Sociedade de Língua Portuguesa, pela mão do seu Presidente e nosso Assessor Cultural Carlos Carranca. O Carlos, à última hora, não pode estar presente; mas nós ganhamos duplamente: por um lado, temos o Professor Eugénio Lisboa, que para ser perfeito só lhe falta ser Antigo Estudante de Coimbra (isto é plágio, não é ideia minha, já o ouviram, concerteza, a mais pessoas); por outro lado, temos um Carranca como arauto da Cultura Coimbrã em S. Paulo, neste momento na livraria chamada "Espaço de Coimbra", onde, além de uma exposição do nosso coimbrão e também pintor, Mário Silva, haverá um recital de poesia pelo Carlos e uma Serenata de Coimbra. Retomando o nosso Sarau, teremos também a voz e o talento inconfundíveis do Aurelino Costa que se agiganta a dizer Régio no palco, tendo como pano de

fundo um conjunto musical que o próprio Régio, se fosse vivo, escolheria. O toque de juventude que nos faz remontar aos verdes 20 anos é-nos dado, este ano, não por danças ou cantares ou por aquelas notas irreverentes que tanto nos encantam, mas através de cordas musicais dedilhadas por jovens estudantes do "Grupo de Cordas" da **Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra**, com a maestria de profissionais quase consagrados. Jovens, força! O futuro é vosso!

No final, a consagrada Serenata, desta feita a cargo das vozes vibrantes de saudade e das virtuosas guitarras e violas do Grupo "**Serenata de Coimbra**", a quem este ano calhou a vez de nos oferecer a Serenata, e que escolheu as vozes e os instrumentos que irão deliciar-nos.

A todos os participantes um infinito Bem-Hajam por fazerem a glória deste Evento e a todos os presentes, a vós todos, as mais calorosas Saudações Académicas. Obrigada!"

Seguiu-se a apresentação de Veríssimo Serrão por João Bigotte Chorão, por estas palavras:

"Este é, para mim, o ano de Coimbra. Ali fui, em Março, convocado para uma reunião comemorativa do centenário do **CADC (Centro Académico de Democracia Cristã)**, que tenho como a minha universidade, e ali dei o testemunho que me pediram como antigo redactor da revista **Estudos**. Ali voltei em Junho para a reunião dos finalistas, de há meio século!, do **Liceu D. João III**, então um dos melhores do País. Agora aqui estou, a convite da **Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa**, para saudar o convidado desta noite, o Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão. E a Coimbra espero regressar, dentro de dias, para o lançamento do livro de actas daquele encontro de Março. Dir-me-ão, pois, se este não é verdadeiramente um ano coimbrão para quem a vida trouxe, há décadas, para Lisboa, esta cidade tão feminina para um homem nascido nas fragas viris da Estrela.

Houve um jornalista, fundibulário temível, que escreveu, em inesperado momento de trégua e benevolência, que eu «gostava de gostar». E porque, na verdade, «gosto de gostar», é que estou aqui. Primeiro, por ter sido convidado pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, que briosamente pretende preservar a memória de in illo tempore. Depois, por neste jantar termos como conviva um antigo estudante de Coimbra que ascendeu à cátedra e, pela sua vasta obra - sobretudo pela **História de Portugal** -, conquistou um público muito mais numeroso que o dos seus alunos na Faculdade.

Se este fosse o lugar e esta a circunstância, justificaria o professor e o presidente da **Academia Portuguesa da História** um elogio académico. Mas não seria eu a pessoa mais indicada para o fazer. E Deus me livre da muito genérica e lusitana tentação do lugar-comum e da retórica. Quem tem obra não precisa das nossas palavras e dos nossos elogios, ainda que temperados, porque a própria obra fala com maior eloquência pelo autor.

Eu ousaria dizer que o Prof. Veríssimo Serrão, tão afeiçoado a valores nacionais, não é, por certos traços da sua personalidade e da sua actividade, muito português. É que nós somos devotos, interesseiramente devotos de quem, pelo seu poder e o seu dinheiro, podemos auferir benesses, enquanto o Prof. Veríssimo Serrão se manteve fiel, por exemplo, a Marcelo Caetano, quando caído em desgraça e abandonado por amigos, discípulos, colaboradores. Quando veio desagrar a sua memória em *Confidências do Exílio*, louvando embora esse espírito de fidelidade no homem e no político vencidos, tive ocasião de manifestar ao autor o desejo ou a esperança de que ele não se propusesse só reabilitar o estadista, mas escrever, na sua qualidade de universitário e historiador, a biografia do scholar ou do clerc Marcelo Caetano, por cima das paixões políticas que pervertem o sereno juízo sobre os homens.

Seria decerto impertinência pedir a quem tanto escreveu que pusesse, agora, mãos a essa, no entanto necessária, biografia. E retorno aqui aquele tópico de ser pouco português quem, pela sua plétórica actividade, desmente o nosso vezo para o farniente. Não se limitou o Prof. Veríssimo Serrão a apresentar as teses ou dissertações impostas pela carreira docente. Numa vida operosa, publicou centenas de eruditos trabalhos de investigação histórica e não se furtou inclusive a escrever artigos de intervenção na imprensa diária, num exemplo de como o gabinete de estudo não pode servir de pretexto intelectual para se alhear dos problemas da Cidade.

Falece-me autoridade para dizer qual o contributo do Prof. Veríssimo Serrão, sobretudo na monumental *História de Portugal*, para a ciência histórica. Sabemos que, numa concepção abrangente da História, ela é ciência, arte e ética. Como ciência, tem a sua metodologia própria, que parte dos documentos para o correcto enquadramento dos acontecimentos e dos homens no seu tempo. Mas, se esse é o mérito da ciência, pode ser também o limite de uma concepção positiva da História que, presa do documento, não ousa ir além dele. Como arte, a História que não seja pura historiografia, há-de ser uma narrativa fluentemente escrita, como género literário que também é, e um drama em que as personagens são reais e se movem num palco não fictício. Enfim, como ética, a História é "mestra da vida", lição de permanente actualidade para o presente e o futuro.

A mim, que não sou nem investigador, nem erudito, nem especialista, sempre me fascinaram as grandes sínteses e as brilhantes intuições. Quais as linhas de força de um país, os valores que o forjaram, os mitos que o singularizaram? Não há, ao lado da História visível, uma História que podemos chamar secreta? O historiador diante da Esfinge, eis a dramática aventura que foi, por exemplo, a de Oliveira Martins.

Do que me foi dado ler do Prof. Veríssimo Serrão, o que mais me impressionou terão sido aquelas páginas em que, deixando caminhos já batidos, abre novos caminhos. Neste

aspecto, o volume de maior novidade da História de Portugal será o 4.º, o que tem por título "Governo dos Reis Espanhóis". Quando andávamos na escola, fomos educados na suspicácia, para não dizer na antipatia, pelos castelhanos, eles sim, mais do que os árabes, os verdadeiros «mouros» ou «infieis». Mérito do Prof. Veríssimo Serrão é o de propor uma perspectiva muito outra, da dinastia filipina, a que ele chama «monarquia dual». Nem todos os Filipes foram, porém, como o II de Espanha e I de Portugal, figura emblemática, com a consciência do duro ofício de reinar, que não era senão o sentimento trágico da vida, para usar a expressão do agonista Miguel de Unamuno. Que abismo entre o viril pessimismo do rei e o beócio optimismo de quem faz da política uma carreira.

Ainda na História de Portugal (1.º volume), e só para dar mais um exemplo, não hesita o autor em pronunciar-se sobre a polémica questão da existência ou não existência de feudalismo entre nós. Fazendo a distinção entre regime feudal e regime senhorial, sublinha a força do poder municipal para se opor ao feudalismo. E por vezes, como um velho cronista ou à maneira de Oliveira Martins, o mais artista dos historiadores, faz um incisivo retrato de uma personagem pouco valorizada: veja-se o «Perfil de D. Manuel», no 3.º volume da História de Portugal.

Não já na História de Portugal, mas na obra colectiva "Alexandre Herculano à Luz do Nosso Tempo", se interroga sobre "O Significado de Vale de Lobos". Nesse estudo avança-se uma hipótese que contraria a interpretação mais vulgarizada de ter optado Herculano por um voluntário exílio, afastado do mundo e das suas intrigas. Não, Herculano não buscava a solidão e o silêncio como um monge de uma austera Ordem contemplativa, que renuncia ao mundo e a si mesmo. Afastado de Lisboa, o nada cortesão Herculano podia satisfazer melhor os seus amores, que eram o de intervir cultural e civicamente através dos seus escritos e o de conquistar, não a «felicidade pela agricultura» como o velho Castilho, mas da lavoura fazer fonte de riqueza e, por que não?, traduzir também o sentimento romântico da Natureza.

É de longe, porque temos outra perspectiva, que vemos melhor os homens e os acontecimentos. E é por isso também que a proximidade... quando da História somos já testemunhas – torna, paradoxalmente, mais delicada a tarefa do historiador. Agora não são já as crónicas, por suspeito que seja o espírito áulico de alguns cronistas, e livros de memórias já remotas, a fonte privilegiada, e às vezes única, do historiador. Ele recorre cada vez mais, para a História contemporânea, aos jornais, que são o espelho do tempo. Noticiaristas, repórteres, jornalistas, colunistas são os historiadores do presente que fornecem matéria aos historiadores do futuro. Como diz Ian Gibson, «quien no há trabajado en una hemeroteca no ha vivido» e acrescentarmos nós que não pode escrever a História hodierna. O Prof. Veríssimo Serrão, compulsando com mão liberal a imprensa do século XX, fornece dados que interessam, não só à grande, mas também à pequena história. Aplaudindo o escrúpulo, a operosidade, a fluên-

cia, a eloquência do Prof. Veríssimo Serrão, seja-nos permitido dizer do nosso receio que o detalhe distraia às vezes do essencial: aquilo que é permanente no efémero ou no pó da História. Que direito teremos porém nós de exigir seja o que for de quem faz o que não somos capazes de fazer, por falta de ciência ou de pertinácia?"

Retorquiu o ilustre Colega, Prof. Doutor Veríssimo Serrão:



Veríssimo Serrão cumprimentando o Magnífico Reitor

"Magnífico Senhor Reitor, Senhora Presidente da Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, seus colaboradores na Direcção, Ex.mos Membros da Assembleia-Geral e do Conselho Fiscal, Colegas de ontem, de hoje e de sempre, caríssimos Estudantes, minhas Senhoras e meus Senhores.

Licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas há 53 anos e tendo feito o Doutoramento em História no ano de 1957, eu sinto-me hoje, de novo, um estudante da Universidade de Coimbra. Não possuo títulos, mesmo conquistados com honra e com trabalho, porque o que sinto neste momento é o milagre da juventude. Estou a viver a hora de um milagre, por voltar com o espírito e o coração à Escola que me abriu os horizontes da vida. Honra-me a proposta subscrita pelo nosso Presidente, Dr. António de Almeida Santos e que teve como interveniente caloroso o Dr. Eduíno de Jesus, actual Presidente da Casa dos Açores. Proposta que foi acolhido com amizade pela Senhora Presidente da Associação, Dr.ª Maria de Fátima Lencastre, e que obteve o coroamento generoso nas palavras do Senhor Dr. Bigotte Chorão, amigo querido a quem as agradeço profundamente.

Quero, pois, dizer-vos que volto hoje a ser um escolar de Coimbra, como se a marcha do tempo não houvesse passado por mim. Não obstante o doutoramento, a minha carreira universitária não ficou ligada a Coimbra e dividiu-se pelas Universidades de Toulouse e de Lisboa. Todavia, fiquei sempre com uma imensa gratidão pelos meus professores, com sentida amizade pelos meus colegas, e sempre que volto a Coimbra confesso que os olhos se me enchem de lágrimas. Os mestres já abalaram todos para o Além, dos amigos fraternos do curso quase todos se encontram na Terra da Verdade. Há um mês que sofri o desgosto de ver partir o Joaquim Carmelo Rosa, meu companheiro de cinquenta anos. Posso dizer que vivo hoje num mundo repleto de saudades.

Homenagem não a mereço, sou apenas um estudante de Coimbra que se vem juntar a vós, na expressão dum afecto fundo e recíproco que é verdadeiro penhor das nossas almas. Coimbra foi e continua a ser a nossa madre espiritual, a Alma Mater onde aprendemos a ser homens, onde o nosso carácter se fortaleceu, onde o sentimento da amizade se enraizou para sempre. Tudo isso o colhemos na Coimbra amada, carácter, saber e dignidade que formam a ossatura do que sempre fomos e queremos continuar a ser. Sem esquecer a tolerância para com tudo e com todos, que também bebemos à sombra de Minerva. Quero eu dizer, sem fazermos roturas no nosso convívio, deixando que os amigos tomem opções diferentes das nossas, com o espírito de respeito que Coimbra inculcou na nossa maneira de ser. O que foi sempre para nós uma missão nobre aqui o expresso: a salvaguarda do dom caríssimo da Amizade que enriquece a condição humana.

Tudo isso me foi possível levar para a Universidade de Toulouse, onde fui professor durante dez anos e depois para a Universidade de Lisboa onde ensinei por três dezenas de anos. Posso afirmar que aprendi a ser homem na Universidade de Coimbra, no convívio saudável com os colegas de todas as Faculdades. Sabíamos tudo: lidar com os Códigos, fazer diagnósticos, preparar experiências químicas, quase posso acrescentar, demonstrar a teoria da relatividade. Os locais de convívio da nossa Coimbra eram templos de sabedoria onde nós ouvíamos dos colegas aquilo que constituía a cultura geral tão necessária para a vida de há meio século. As Faculdades eram o campo de aprendizagem do nosso saber, mas acima de delas estava a Universidade que a todos irmanava na mesma comunhão de ideais. Tal era, ao tempo, a grande lição que recebíamos de Coimbra.

No quase termo da existência em que me encontro, eu quero dizer a todos que transporte, ao longo da vida, a força dos sentimentos que ainda me acalentam. Tive mestres notáveis, para apenas lembrar o Doutor Joaquim de Carvalho, glória da Universidade de Coimbra e da Cultura nacional. Homem notável pela rectidão do saber, pelo generoso coração, que abria a alma dos estudantes com o recurso à nobreza cívica e à vivência do patriotismo. Não me esqueço que no início de 1957, já depois de feito o meu doutoramento, o saudoso mestre cantava a beleza de Coimbra, envolta num cenário de beleza única em que o Mondego constituía o motivo de inspiração dos estudantes. E voltando ao Doutor Joaquim de Carvalho, recordo que a dois anos da sua morte confidenciou a um querido amigo, o Doutor José V. de Pina Martins: "Quando eu morrer, levo tudo isto no coração!".

Magnífico Senhor Reitor, Senhora Presidente da Associação, Estimados Colegas, Minhas Senhoras e meus Senhores. Tiveram a gentileza de comparecer na festa anual da nossa Associação e, entre os números do programa, desejaram estar comigo. Por tudo lhes agradeço o amável convívio que acabam de me prestar, a mim que fui e serei sempre um estudante da velha Universidade onde todos estudámos e aprendemos a ser homens para

enobrecer a vida. Vim de Santarém, onde actualmente vivo, na companhia do meu querido médico e amigo, Dr. José Manuel Gonçalves Nogueira que foi, há quarenta e cinco anos, "manda tudo" na Real República do Pra-Kis-Tão. Sinto-me hoje feliz e remoçado, como se o tempo não tivesse passado por mim. No fundo, é o eterno milagre de Coimbra, que não nos deixa envelhecer, que mantém a nossa alma num estado de permanente juventude. Do coração vos agradeço o carinho dispensado a mais um, como vós o sois, estudante da velha Universidade. Bendita seja para todo o sempre Coimbra, que nos alimentou com o mesmo leite e fez dos seus escolares amigos pela vida fora! E que a nossa querida Dr.ª Maria de Fátima seja agradecida também pelo carinho que soube insuflar na nossa reunião. Até para o ano, se Deus quiser!"

Foi a vez da refrescante exibição do aplaudidíssimo "Grupo de Cordas".



O "Grupo de Cordas" em actuação

O culminar da homenagem a José Régio esteve a cargo de Eugénio Lisboa, como segue:

"Então muito boas noites. Eu, em primeiro lugar queria penitenciar-me por não ser coimbrão, como disse a Sr.ª Dr.ª Fátima Lencastre, no início desta sessão, que esse é um dos meus defeitos, mas efectivamente, quando vim de África, em 1947, para tirar o meu curso de Engenharia, não havia Engenharia em Coimbra, de maneira que tive que me resignar a vir para Lisboa. Daí a razão deste meu defeito imperecível mas, em compensação, gastei uma boa parte da minha vida a estudar a obra duma figura da nossa cultura que se chamava José Maria dos Reis Pereira e que se celebrizou com o pseudónimo literário de José Régio. Como José Régio está muito ligado a Coimbra por variadíssimas razões, eu, de alguma maneira, fiquei também ligado a Coimbra por terceiro entreposto e disto me sinto muito feliz.

José Régio deixou uma obra vastíssima de ficcionista, de poeta, de dramaturgo, de ensaísta e, inclusivamente, de jornalista e colecionador de arte popular profana e sacra. Será impossível em 10 minutos (menos os dois que já gastei a desculpar-me) falar da obra vastíssima deste escritor. Por isso lembrei-me apenas de assinalar de toda ela, aquela parte que mais directamente diz respeito a Coimbra e que é muito importante.

José Régio acabou o liceu no Porto, ele fez parte dele na Póvoa do Varzim, parte no Porto. O pai quis convencê-lo a estudar no Porto, havia então a Faculdade de Letras, a recém criada Leonardo Coimbra e portanto como ele ficaria mais perto de Vila do Conde, mais perto da

família, seria exactamente a situação ideal. Mas, Régio, toda a vida tinha sonhado com Coimbra, toda a vida tinha pensado que Coimbra era o sítio onde ele gostaria de estudar e portanto convenceu a Família a fazê-lo. E em boa hora o fez porque Coimbra constituiu para ele uma verdadeira iniciação na vida e também na cultura e na Literatura. Ele, mais tarde, dirá nos seus livros que, os anos que passou em Coimbra, foram os anos mais felizes da vida dele. Não só foram mais felizes, como também foram os mais fecundos. Foi ali que ele realmente se fez escritor, se fez um grande homem de Cultura; foi ali que ele lançou, com a colaboração de alguns amigos: João Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca e outros, uma revista cultural, uma revista de Literatura e Arte, que ficou como uma das mais notáveis revistas de Arte de toda a nossa história literária. Esta revista está ligada, portanto, ao nome de José Régio mas está, irreversivelmente, ligada à cidade de Coimbra. Foi uma revista de criação, foi uma revista de reflexão, uma revista de alta Pedagogia. Foi em Coimbra que José Régio, portanto, entrou em contacto com alguns dos grandes nomes da cultura universal que para sempre o marcaram e que muito alimentaram toda a sua obra literária. Por outro lado, mais tarde, já no último ano da sua vida, em Vila do Conde, quando ele se propôs redigir um livro que há décadas trazia no ventre, que é a "Confissão de um Homem Religioso", relata precisamente, mais uma vez, essa sua afeição a Coimbra, esse seu desejo de estudar em Coimbra e como para ele nunca se poz a hipótese de estudar noutro sítio que não fosse em Coimbra. Um outro texto, que eu podia aqui lembrar, que é um texto admirável, que tem sido recitado muitas vezes, onde ele manifesta mais uma vez esse seu afecto, eu diria quase esse seu cordão umbilical a Coimbra - a Célebre "Balada de Coimbra" e que está inserto no seu livro "Fado". Portanto, isto sem falar, é claro, na obra que Régio considerava a obra fundamental da sua vida que é o longo romance "A Velha Casa" cujo 3º volume é volume dedicado à sua vida em Coimbra. Aquilo é um romance que tem muito de auto-biográfico e os seus anos em Coimbra são, por assim dizer, imortalizados nesse 3º volume desse longo romance autobiográfico que é "A Velha Casa". Por conseguinte, eu suponho que não sei se o Além existe e, se o Além existe, não sei se o Régio está neste momento num sítio muito remoto desse Além ou se está perto de nós. De qualquer maneira, se o Além existir

e se o Régio estiver perto de nós, estou certo que ele aplaude estas palavras com que estou a manifestar ou a lembrar, mais uma vez, o amor que ele sempre teve a Coimbra. E na medida em que eu estou a manifestar esse amor, de certa maneira estou a manifestar, por terceiro entreposto, também o meu afecto por Coimbra.

Espero, portanto, que a minha falta de estatuto coimbrão, me seja por vós perdoada esta noite... Muito obrigado!"



Oferta de um estojo de medalhas académicas ao Eng. Reis Pereira

Seguiu-se o "Excerto de um Concerto para José Régio" na voz de Aurelino Costa e nas guitarras de João Moura e Luís Veloso e flauta de Abel Gonçalves.



Régio na expressão do Aurelino

A terminar, a consagrada "Serenata" pelo Grupo "Serenata de Coimbra", nas vozes de Alcindo Costa, Tito Costa Santos, José Barros Ferreira, João Tomé e Vítor Carvalho, com Alexandre Bateiras e Serrano Batista à guitarra e João Gomes e Rodrigues Pereira à viola. Após a Serenata, a "Balada da Despedida" foi entoada no palco e na assistência, vibrando a mesma saudade de sempre, que nos faz desejar, logo ali, a próxima Comemoração deste evento Académico.

A Direcção



A apoteose da "Saudade"

Os Nossos Passeios

De Verão

I - CRUZEIRO "DOLCE VITA"

Pela primeira vez, os Passeios culturais da nossa Associação tiveram como caminho o mar e, obviamente, como meio de transporte um navio que mais não era que um hotel flutuante.

E foi assim que, no dia 8 de Agosto, 90 "navegadores", sem carta de marinheiro, embarcaram no paquete *Arion*, atracado no Cais da Rocha Conde de Óbidos, à conquista do Mediterrâneo, esse mar que, como o seu próprio nome indica, se situa no meio do nosso planeta.

O famoso rochedo de **Gibraltar**, uma das colunas de Hércules, com os seus 450 metros de altura, foi a nossa primeira descoberta.

Durante as poucas horas que permanecemos nessa ainda colónia britânica, tivemos oportunidade de apreciar o belo, quase horrível, da sua paisagem e de visitar os seus locais mais pitorescos, especialmente as suas grutas, sem esquecer os típicos macacos à beira da estrada.

De novo a bordo, partimos em direcção à Costa Sul de França, ansiosos por conhecer e saborear a beleza paisagística da cidade de **Nice** e o brilho das estrelas da Riviera Francesa que é Cannes, assim como da famosa estação turística que é S. Remo, e o fascínio do Principado de **Mónaco**.

Mas quem navega, mesmo em plena calma de estio, sujeita-se às inclemências do tempo e o Golfo de Lyon, esquecidos de que estávamos em pleno Agosto, apareceu com mar muito agitado e de tal modo que o *Arion* não pôde aproximar-se da costa nem aportar a Nice.

E o pior foi que muitos passageiros, entre os quais alguns dos nossos, foram vítimas de aborrecido enjoo, tiveram que recolher aos seus camarotes e, aí, permanecer imóveis durante uns dois dias, a fim de evitarem "deitar carga" a tão agitado mar.

Continuando, reencontrado mar calmo e tranquilo, chegámos e fundeámos no histórico porto de **Génova**. Aqui, em passeio turístico pela cidade, mereceram especial atenção os seus majestosos monumentos, especialmente a Catedral de S. Lourenço e o seu, único no mundo, monumental Cemitério.

De Génova fomos até à costa de África e aportámos em La Goullete, a poucos quilómetros de **Tunis**, a capital da Tunísia.

Nesta cidade, a todos impressionou, pelo que tem de característico, a sua parte velha, toda muralhada, integrada por vários e belos edifícios medievais, e também o seu Casbah mereceu a nossa especial atenção, não resistindo à tentação de aí comprarmos um qualquer tipo de recordação.

Claro, não poderíamos deixar de visitar as espectaculares e históricas ruínas de Cartago e de aí nos lembrarmos dos tempos em que estudávamos as chamadas Guerras Púnicas, entre Roma e Cartago. "Delenda est Cartago", teria dito o general romano. E cumpriu, como se vê ainda agora.

Tivemos também o prazer de visitar **Sidi Bou Said**, vila dominada pelo branco e pelo azul, situada a topo de um monte observando a baía de Tunis. Típicas são as suas ruas estreitas, com lojas de artesanato e antiguidades, que se desenvolvem à volta do minarete da Mesquita.

No dia seguinte estávamos na bela e quase paradisíaca Ilha de **Corfu**, onde visitámos o belo Palácio mandado construir pela célebre Sissi, e o Convento Bizantino, com a sua Igreja plena de belos ícones, sem esquecer as suas belas paisagens, o céu e o mar azul que a banha.

Já de regresso, "subimos" o Adriático para aportarmos à pérola do Adriático, a cidade de **Dubrovnik**. Foi inesquecível o passeio que demos pela cidade velha, toda muralhada, com as suas ruas estreitas todas em pedra e os seus belos monumentos.

E para terminarmos com chave de ouro, navegámos até **Veneza**, a capital do Adriático, para aí tomarmos o avião que nos trouxe até Lisboa.

Foi pouco o tempo que aí permanecemos, mas foi o suficiente para passearmos na bela Praça de S. Marcos e olharmos e visitarmos atentamente a Basílica e o Palácio dos Dodges e dar ainda uma vista de reconhecimento ao grande e aos pequenos canais com as típicas gôndolas que neles circulam e a um outro dos muitos palácios que enriquecem tão bela e inesquecível cidade.

Se os locais que visitámos enriqueceram e aumentaram a nossa cultura e os nossos conhecimentos e encantaram os nossos olhos, não podemos jamais esquecer a vida a bordo do *Arion*, a sã convivência entre todos, a paz e sossego que só o alto mar pode proporcionar.

Esse "*dolce far niente*" que o Cruzeiro "*Dolce*"

Vita" nos proporcionou compreende também a variada e excelente alimentação servida a bordo, sem esquecer os momentos de diversão e entretenimento que nos eram proporcionados, especialmente à noite, no salão de festas. De todos esses momentos, haverá que sublinhar a participação de alguns elementos do nosso grupo na denominada "**Noite do Passageiro**", com realce para o momento de poesia, a actuação do nosso grupo coral "*Ad-Hoc*" e a mostra de Fado de Coimbra, actuação que no seu conjunto mereceu o aplauso de todos os passageiros presentes, que enchiam o Salão de Festas.



Alguns dos nossos "navegadores" em actuação

Enfim, um Cruzeiro que nunca mais se esquece, com nota de Muito Bom que impõe um outro para outras paragens!

Alcindo Costa

*"Por mares já antes navegados
Ficamos aquém da Taprobana"*

Foi com expectante alvoroço de "colegial" que, apesar da minha propecta 3ª idade, fiz a inscrição no Cruzeiro "*Dolce Vita*", isto porque o mar seduz-me, o baloiçar de um barco acalma-me e há já anos que esperava uma oportunidade de "ziguezaguar" o Mediterrâneo.

Não vou debruçar-me sobre o itinerário, nem sobre a "terrível" ondulação do Golfo de Lyon, que nos fez desviar de Nice, nem, menos ainda, sobre as excursões em terra firme.

Resta-me então a vida a bordo, em navio com cujos corredores, salões, bares e decks os passageiros se foram familiarizando com maior ou menor facilidade, embora, cá na minha, eu pense que alguns houve que, no interior, nem desconfiavam qual era o bombordo e o estibordo ou até nem sabiam se o barco avançava ou recuava, isto é, nem sabiam em que sentido se deslocavam (e nem sequer estou a referir-me aos

pontos cardeais, já que lá no meio não poderiam orientar-se nem pelo Sol nem pelas Estrelas e bússola por certo que não tinham... e, mesmo que a tivessem, a declinação magnética tem muito que se lhe diga!).

No meio heterogéneo dos cerca de 300 passageiros, o grupo da **Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa** fazia um conjunto que se destacava pelo humor, pela crítica, rondando por vezes a maledicência salutar (a quem ela servir que enfie a carapuça), pela amizade, por afinidades comuns, enfim, por um conjunto de características que são apanágio de quem por Coimbra passou.

Permitam-me que recorde aqui, em breve parêntesis, a "veia" de um grande Poeta, que, para que o Curso ficasse *bem sabido*, flanou 10 anos por Coimbra, para completar os 3 de Farmácia!...

Quem por Coimbra passou
E a Faculdade cursou
Jamais pode olvidar
Aquele doce cantar
Dos rouxinóis do Mondego:
Coimbra deixa-o cego...

Mas deixemos as "Mondágides" lavadeiras do Choupal (que hoje, julgo eu, já não desempenham o seu filantropo papel de atender às necessidades estudantis) e volvamos ao nosso *Arion*, onde, dentro dos limites da ética e dos bons costumes e de acordo com a intimidade já trazida ou agora adquirida, tudo foi feito para que os dias e as noites fluíssem de forma a proporcionar os melhores momentos.

Tive eu a sorte de ter Bons Amigos (o masculino engloba o feminino) a bordo, permitindo-me usufruir momentos inolvidáveis, escutando as suas (sobretudo delas) sagazes, pertinentes e, por vezes, deliciosamente maliciosas observações.

Tive também a sorte de fazer novos conhecimentos e de cimentar alguns que já vinham de outras andanças.

Tive ainda a sorte de ficar numa mesa onde se discutia tudo... com conhecimento de causa! Que bons momentos houve, com explanações náuticas, geográficas, das gentes, de costumes; que belas descrições de reuniões, de festas, de paisagens insulares; que empolgantes momentos de salutar discordância entre a Cátedra e a Experiência, onde cada qual, pensando nos seus argumentos, não ouvia os argumentos dos outros...

No que concerne (perdoe-se-me o galicismo) ao "entertainment", a espectacular Denise foi ímpar (em todos os sentidos e com todos os sentidos) e o "show" dos Antigos Estudantes de Coimbra foi inexcelável nas vertentes cultural e recreativa, a provar que já lá vai a era da cabulice, sendo agora "meninas" e "meninos"

aplicados, a merecerem a classificação de 20 ou, se quisermos, a merecerem a aprovação por unanimidade, com distinção, louvor e aclamação!

Os jogos, a dança, a ginástica, o loto, os diversos torneios, etc., etc., promoveram momentos inesquecíveis, que culminaram na triunfal entrega dos prémios (até eu ganhei, merecidamente, uma medalha!).

Só não entendo por que é que se pensou em jogos em que homens e mulheres se opunham... Não seria muito mais curial que, "vis-a-vis", homens e mulheres se entendessem em jogos de sedução? Não poderiam ter estes Cruzeiros papel primordial na união de corações solitários, carentes de afecto e de carinho? E o "flirt", essa encantadora "figura" romântica, não poderia desempenhar funções desinibidoras, atirando para bem longe o "stress" da quotidiana luta pela sobrevivência?

Como eu compreendo, felicito e saúdo as queridas companheiras de viagem que incluíram, na sua bagagem, o "flirtar" como projecto de diversão...

E pronto, com Veneza à vista, o *Arion* deslizando suavemente em direcção ao cais, com a inebriante praça de S. Marcos a estibordo, fica a saudade de 10 maravilhosos dias!

"Mr. Streets" (Fernando Ruas)

II - PASSEIO AO BÁLTICO

De 20 de Julho a 4 de Agosto de 2001

Acta da digressão dos Bálticos

Aos vinte dias do mês de Julho, lá partiram os "bálticos", rumo ao Cabo Norte.

Ladinos, intrépidos e irrequietos, liderados pela assombrosa Presidente, rumaram a **S. Petersburgo**

carregados de malas para as mudas durante dezasseis dias. FRÁAS e fotografias!

Aí chegados, dirigiram-se ao hotel onde os aguardava uma guarda especial em limousines de cortina preta. O que se passava dentro das ditas ninguém ficou a saber.

Intimidados com tal presença, lá recolheram ao vale dos lençóis mais cedo do que esperavam, para desfrutar da temperatura ambiente com sauna grátis. FRÁAS e Fotografias!

Não há palavras para descrever esta linda cidade, principalmente vista do rio. Tivemos visita da cidade e deliciamo-nos com os torneios artísticos do *Hermitage*. À noite, todas se aperaltaram com os seus brocados, cetins e rendas com jóias de deslumbrar, acompanhadas dos seus "muchachos", para ver o espectáculo, seguido de jantar regado com champagne e crepes de caviar. Pianista clássica deslizava os dedos pelo piano enquanto era servido o jantar em ambiente de pompa e circunstância. FRÁAS e Fotografias!

Eis senão quando a pobrezinha, a pedido, tentava tocar a "macarena", enquanto alguns beligerantes se meneavam e saracoteavam com o olhar apavorado dos criados. Se Catarina e Pedro ressuscitassem...

No dia seguinte, lá partiram rumo a **Taline**, capital da Estónia, onde começaram a ser despojados do material fotográfico para cobertura dos eventos. O nosso cameraman lá ficou desolado e tristonho, transformou-se num charmoso Doutor Jivago...

A conhecida "Pequena Praga" é, na realidade, linda com as suas construções medievais dentro da muralha da cidade velha. Quem não se recorda da Catedral de Domsy, o Palácio de Kadriorg entre outras!



O Palácio de Kadriorg

No dia seguinte, lá continuámos o nosso "Salmão Connection" rumo à **Letónia** com levantamento de Rancho e tudo. A sua capital, **Rija**, "a Paris do Báltico", deslumbrou-nos com os seus edifícios "art nouveau". Retornando pelos próprios passos, atravessámos o Mar Báltico, num ferry cosmopolita e entre milhares de ilhas encantadas, até à Finlândia, onde apanhámos o avião para a **Lapónia**, aterrando em Rovaniemi, pisando o histórico "*Circle Artikum*" e visitando a lendária Aldeia do Pai Natal, onde todos voltámos à meninice. Entrámos então na "Rena Connection" onde o grupo, ungido por uma indígena, numa cerimónia de iniciação Lapónica, se transformou no Grupo dos 4 Ventos.



A iniciação Lapónica

Mantendo sempre a sua postura, tentando destruir a Rainha Lapone com o seu barrete, lá conseguiu a Presidente manter coesos os ventos nos quatro bicos do barrete e a muito custo. Oram comparem:



Qual escolhem?

A caminho, em bolandas, havia paragens para xixi e incursão pelas lojinhas para compras, passando **Särasto** e **Kittila**. É verdade, ia-me esquecendo de dizer que o grupo tinha bom apetite. Desgraçado de quem não chegasse a horas! Entre empurrões e disputas para assegurar os melhores lugares, lá "saboreavam" tudo.



Self-Service à moda da Lapónia

Porém, ao chegar a Kitilla, deparou-se-nos um grupo de japoneses, ainda com maior apetite, que nos deixou sem pequeno-almoço. Compensou-nos o contacto com uma quinta de criação de cães especializados em puxar trenós, em **Harrinive**.

Taciturnos, lá partimos rumo a **Alta**, enquanto uma gata ensonada ronronava o programa do dia. Fomos compensados, porém, por uma paisagem maravilhosa pela tundra, pernoitando em Alta, cidade famosa pelas suas cavernas com 5.000 ou 6.000 anos e incluídas no Património da UNESCO.

Com paragem para almoço em **Honningsvag**, os "renos" abalaram em direcção ao Cabo Norte. O dia estava cinzento e "chovial". A pedido de "Maria Zapata", lá entoámos cânticos para que os deuses fossem propícios e o Sol aparecesse à hora marcada.

À noite, diante dos nossos olhos espalhava-se o Oceano Ártico – espectáculo de rara beleza!

Aqui e além muitos sóis da meia-noite eram descobertos, enquanto saboreávamos caviar e champagne espanhol. Infelizmente, ficámos pela encenação. Acontece! Um tanto desanimados, lá partimos rumo a **Helsínquia** ao longo dos mais belos fiordes noruegueses! Lindo! Que sensação de tranquilidade e paz! De volta à Finlândia, país de grandes espaços, passámos por **Inari** (Museu Sami). Em **Tankavaara** percorremos os trilhos dourados,



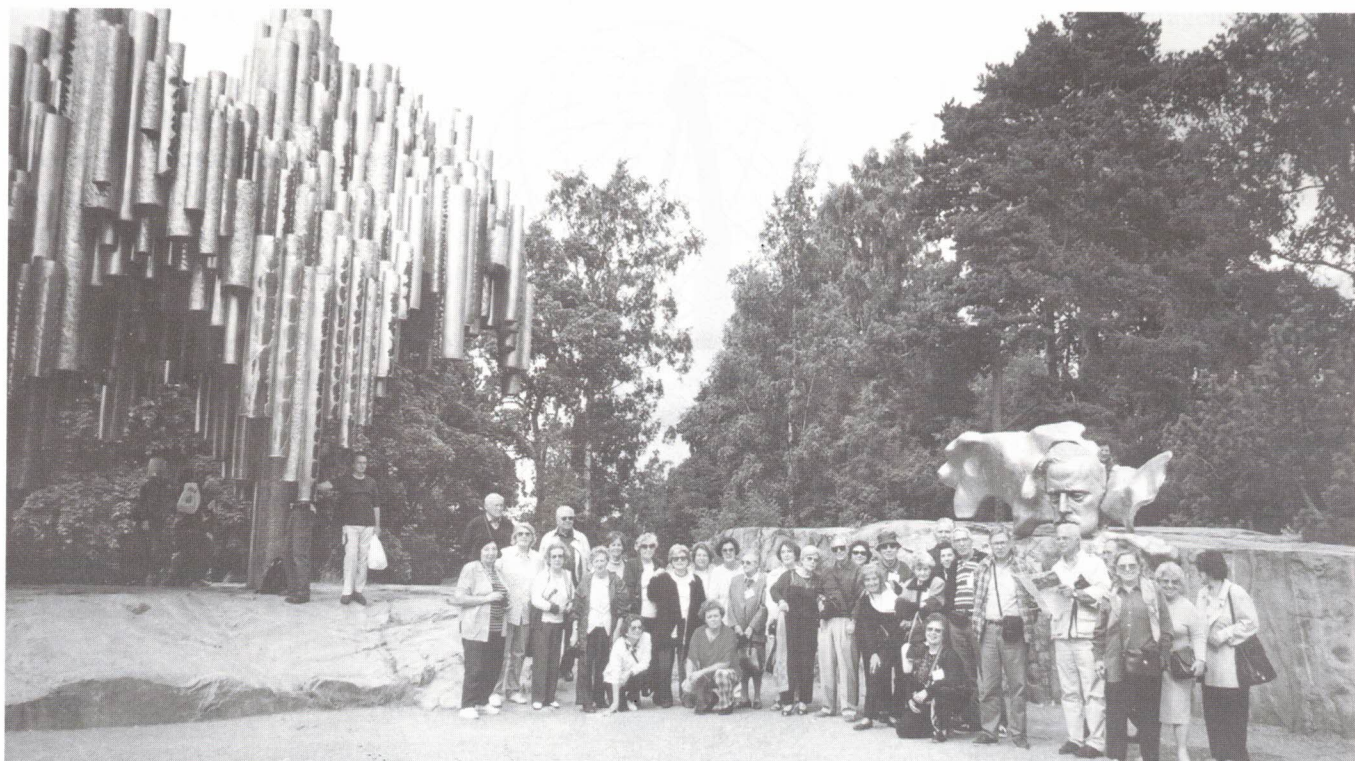
Cabo Norte – o "dono" do Globo

porém a fortuna foi ingrata: pepitas nada! Cabisbaixos, lá apanhámos o avião para **Helsínquia**, Filha do Báltico, com a sua neoclássica Praça do Senado, a Tempeliuukio escavada em rocha sólida, monumento a Sibelius, entre outras.

Na véspera da partida, lá nos aguardava **Turku** com o seu castelo e o seu Luostarinmäki, com as 18 casinhas de madeira de há 200 anos (museu ao ar livre) e a cidade subterrânea da Idade Média, **Aboa Vetus**.



Praça do Senado



Monumento de Sibelius



junto ao rio Aura

No dia 4 de Agosto, lá partimos no voo LH3029 com destino a Lisboa cheios de saudades, apesar de alguns precalços. Aí chegados, cada um seguiu seu destino.

Nada mais havendo a tratar, não teve a presença de testemunhas, dato e assino

C.M. (Celeste Martins)

De Outono

III - "Por Terras Queirosianas" e Dia do Antigo Estudante de Coimbra

Com partida de Lisboa às oito horas da "madrugada" (antigo estudante sofre!...) do dia 4 de Outubro de 2001, fizemo-nos "valentões" ao caminho, mas de autocarro, claro, rumo a **Tormes**. Depois da habitual paragem técnica especialmente reivindicada pela "condição feminina" e com algum atraso derivado de discussão democrática sobre a estrada certa a

percorrer, já perto de Tormes, lá chegámos ao nosso primeiro alvo: o almoço, com a Ementa Queirosiana "A Cidade e as Serras".

O almoço foi-nos servido na eira, debaixo de guarda-sóis e perante uma paisagem soberba que o Douro oferece a quem o visita: o poético rio, as vinhas do Demo, o caminho-de-ferro esquecido no tempo, o cemitério da calma recordação e da saudade. Ao regressar de Paris para a Quinta de Vila Nova, Eça de Queirós foi afortunado, mas apaixonou-se e soube afinal merecer tanta fortuna, que nós tivemos também o privilégio de saborear.

Foi-nos depois proporcionada uma visita guiada à Casa-Museu.



Casa-Museu Eça de Queirós

A autenticidade dos móveis, dos pequenos objectos que o escritor usava, a sua localização no antro habitacional do grande literário, tudo dava a sensação de que nada tinha morrido ou era passado, mas que apenas Eça de Queirós não estava ali, tinha saído... foi um sonho lindo. Mas era sonho. Eça de Queirós era "apenas" um dos Maiores da nossa História, que tinha partido para sempre. Não podia estar lá... A sentida confirmação aconteceu quando, junto à sua campa no Cemitério de Santa Cruz, sentidamente nos curvámos, num gesto de admiração e de reconhecimento pelo seu valioso contributo para o enobrecimento da nossa História.

Regressados ao quotidiano da vida airada, fomos direitinhos para o jantar rural no restaurante típico "O Almoceve". Até meteu folclore.



Folclore

E do grupo fazia parte um amoroso senhor que, sendo bastante mais idoso do que nós (tinha mais de 80 anos), cantava quase tão bem como nós! A vida, assim, é bela. Nós que o digamos, que não lhes ficámos atrás no rodopio da bailação folclórica! Talvez cansados, mas de certeza felizes, lá fomos descansar o corpo, uns na Estalagem do Porto Antigo e outros no Hotel Douro.

No dia seguinte, com o privilégio de sermos acompanhados e guiados pelo saber e carinhoso entusiasmo do nosso Colega, Dr. Albino Brito Matos, coimbrão, poeta e ainda presidente da Câmara Municipal de Resende, visitámos **Caldas de Aregos, Resende, S. Martinho de Mouros, Cárquere** (a

lembrar Egas Moniz) e **Cinfães**, terminando com almoço típico na Estalagem do "Porto Antigo".

Satisfeito o desejo estomacal e sem forças para mais aventuras altistas, era tempo de iniciarmos a nossa descida... para baixo. Assim partimos com destino a **Anadia**, visitando **Pala, Baião e Marco de Canavezes**, aqui com especial incidência sobre a polémica e premiada Igreja projectada por Siza Vieira. Passando ainda pela Torre de Lagariça, imortalizada na "*Ilustre Casa de Ramires*", lá chegámos ao Hotel Cabecinho, em **Anadia**, onde simpaticamente jantámos com apetitosos produtos daquela bairradina região demarcada do leitão, do espumante e do vinho...



Os parabéns a você

No dia 6, foi um salto até à nossa **Coimbra**. Era o "*Dia do Antigo Estudante de Coimbra*", o XXXI.

Após concentração no Pátio da Universidade, com muitos abraços e matanças de saudades, cele-

brou-se Missa na Capela da Universidade, a que se seguiram os cumprimentos ao Magnífico Reitor, a Oração de Sapiência e a fotografia da praxe na Via Latina.



As várias Associações dos Antigos Estudantes

E lá fomos depois em cortejo desde o Pátio da Universidade até aos Arcos do Jardim, precedidos por um grupo de gaiteiros, pois então.

Reconfortados com o almoço que se seguiu, no Hotel D. Luís, rumámos ao Teatro Académico Gil Vicente. Era a Primeira Grande Gala do Antigo Estudante de Coimbra. Ouvimos o nosso Camacho Vieira cantar fados. Vimos uma síntese do grande espectáculo que a Academia de Coimbra prestou recentemente a Carlos Paredes. Prestou-se homenagem poética a Vitorino Nemésio e a José Régio, em tempo de efeméride, pelo nosso Colega e escritor António Vilhena. Ouvimos ainda a Tuna Universitária Feminina e uma Serenata Monumental a encerrar. E, depois de jantar-mos no "Alfredo", em Santa Clara, regressámos a Anadia.

Pois é! No último dia do Passeio, depois de tanta actividade, não há "jovem" que possa dispensar um reabastecimento especial dos tanques! Por isso, partimos para Marrazes/Leiria, para um paradisíaco almoço/orgia no "Tromba Rija".

Já estávamos avisados, pois não era a nossa primeira vez. Mas a juventude é assim: ninguém resistiu a comer muito.



O convívio à mesa

Felizmente para a saúde de todos, já tudo estava cientificamente previsto e planeado: a digestão foi feita a subir ao recuperado Castelo de Leiria, acompanhados pela utilíssima colaboração de um guia especialista em arqueologia e história de arte, cedido gentilmente pela C. M. de Leiria, cuja Presidente até é filha de um coimbrão.

Depois, regressámos a Lisboa, para o merecido descanso. Mas, digam lá, se não valeu a pena... até à próxima, ansiosamente!

Propositadamente, deixámos para o fim (os últimos são os primeiros) a brilhante intervenção da nossa querida Dulce Miranda no desenrolar do Passeio Queirosiano. Porque tem casa junto a Tormes, ela de tudo tratou, mobilizando mesmo a também inexcedível colaboração de todos os elementos disponíveis da sua Família. A Dulce brindou-nos com carinho e até com uns "miminhos" da sua produção agrícola, amorosamente acondicionados em cestinhos típicos do artesanato de Baião, que para o efeito e, à sua conta, para nós encomendou. Foi igual a ela própria, afinal. Obrigado, Dulce.

Carlos Rocha

Intervenção na RDP-ANTENA 1

Temos aproveitado a oportunidade que a Radiodifusão Portuguesa - Antena 1 nos tem concedido, utilizando o Programa de difusão nacional "Via Latina" (às 20h00), emitido de Coimbra, para 2 intervenções:

1º - Falar e divulgar as *Comemorações do Centenário do Nascimento de Vitorino Nemésio* – com o Eduíno de Jesus, que dissertou sobre o poeta e escritor, a Luíza Costa, que leu poemas de Nemésio com a entoação genuína como só ela sabe, e a Fátima Lencastre;

2º - Falar e divulgar as *Comemorações do Centenário do Nascimento de José Régio e da Tomada da Bastilha* – com o Carlos Carranca, que leu poemas de Régio, a Presidente da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra, a Paula Neto e a Sofia Carvalho, que falaram sobre o nóvel "Grupo de Cordas" e outras actividades da A.A.C., e a Fátima Lencastre.

Conversas Quinzenais

Retomámos as "Conversas Quinzenais", depois de umas alargadas Férias de Verão, em:

24.ª Conversa - (17 de Outubro) com o tema "*Angústia do Tempo Presente*", por Carlos Couceiro.

Carlos Couceiro sempre atento e interessado em questões actuais que perturbam a Humanidade, filosofou sobre a Angústia, esse sentimento indefinível que causa tanta dor moral e desespero e que surge, por vezes, inopinadamente, sem se saber porquê. Donde vem? De necessidades não resolvidas na infância, dizem os mais simplistas. E porque aumentou e se tornou um mal generalizado no Tempo Presente? Nunca o Homem teve mais para viver bem, nunca a Ciência, a Técnica e as Comunicações foram tão longe. Assistimos ao desenvolvimento da Electricidade e suas aplicações, à Nova Era Cósmica, à descoberta do Átomo, à TV, à prospecção do Infinito, à facilidade das Comunicações e das Deslocações, à Informática e Electrónica, às descobertas Genéticas, etc.

Mas todas estas transformações foram demasiado rápidas e, para que nos possamos adaptar a elas, teremos que ser também mais rápidos, mais competentes e informados, neste Mundo de atropelos em todos os aspectos: científicos, morais, políticos e sociais. A agressão impera e, perante ela, o Homem sente-se prostrado e com angústia. O ritmo de adaptação é demasiado curto e mais ainda o tempo da resolução desses mesmos problemas. O Homem que ultrapassou dificuldades, que derrubou barreiras e fronteiras não sabe como pôr fim à guerra, à poluição, à superpopulação, à fome, à injustiça, às desigualdades cada vez maiores nas Sociedades.

O Futuro, mesmo para os mais optimistas, é inseguro e gerador de angústia, revolta e insegurança. À barbárie actual só pode opor-se a melhor repartição de bens e de riqueza, mas como? Até certas resoluções têm o seu reverso negativo. A necessidade de minorar o esforço no trabalho e de aumentar a rapidez na execução do mesmo cria melhores máquinas, mas... estas criam, em contrapartida, o desemprego. O Homem, que atingiu no Tempo Presente um tão elevado grau de eficiência, nunca teve tantas incertezas.

E a finalizar ficou esta pergunta: foi o Homem, antes da modernidade, objecto de tanta angústia?

25.ª Conversa - (14 de Novembro) – "*A Paixão pelo Tango*", por Murta Rebelo.

Mais uma vez, Murta Rebelo nos brindou com uma Conversa Musical. Desta vez, foi sobre o Tango, essa música sensual, erótica e romântica que se ouve sempre com um misto de prazer emocional e nostálgico.

Falou-nos da sua origem espano-afro-americana nos séc. XVIII e XIX, em que surgiu nos bares e prostíbulos de Montevideu e de La Plata, cidades invadidas, nessa época, por numerosos emigrantes. O culto pelo Tango foi de tal modo, que se criou um vocabulário (calão) próprio, de raízes africanas e espanholas, para definir a sua música e as figuras da sua dança.

Em fins do séc. XIX, surgem orquestras com bailarinos em Buenos Aires, onde o Tango se torna na mais emblemática dança argentina.

Alguns compositores famosos – Álbaniz, Dório e até Stravinsky – introduzem ritmos do Tango nas suas composições.

E no séc. XX, o Tango, iniciado nos bairros populares de Buenos Aires, vai desenvolver-se e invadir a Europa e o mundo inteiro chegando mesmo aos seus salões mais chiques.

Com Gardel, Arenas e outros (anos 20) surge a chamada "idade de ouro" do Tango que é cantado, tornando-se por assim dizer mais romântico, até que em 1860 torna de novo a ser executado apenas com música.

A seguir a este historial, ouvimos Tangos que se tornaram eternos: "*Mi Noche Triste*", "*À Media Luz*" cantado por Carlos Arenas, "*Adeus Muchacho*" e "*Caminito*" por Gardel, "*La Cumparsita*", "*Sentimento Gaúcho*", "*La Marroche*", etc. Para finalizar, Murta Rebelo, fez-nos a agradável surpresa de nos apresentar um par de bailarinos profissionais da Escola de Solange Galvão, que nos encantou a dançar. Foi excepcional a sua postura corporal, o ritmo artístico dos seus movimentos, a expressão dos seus rostos, passos e pernas que falavam e hipnotizavam.

Foi um belo espectáculo que justificou e esclareceu a frase de Jorge Luís Borges, escritor e poeta argentino e citado por Murta Rebelo "*O Tango é um encontro entre um homem e uma mulher que termina com uma celebração*".

26.ª Conversa - (28 de Novembro) – "Numismática", por João Maria A. Rodrigues.

Depois de uma introdução, em que nos falou do surgimento e da importância da moeda através dos tempos no aspecto económico, político e histórico, e da importância do coleccionismo, apresentou-nos alguns exemplares preciosos da sua bela colecção de moedas e notas.

Coleccionador de prestígio, mostrou-nos depois peças que fez circular por todos os presentes, explicando e analisando as suas características. E todos nos maravilhámos com a Asse romano, o Sestércio de ouro, o Morabitino, o Real, o belo exemplar do primeiro Escudo português de prata pura e do seu falso congénere, notas de impressão belíssima e bem conservadas, há muito saídas de circulação, espécies que foram adulteradas com fins de propaganda política, como por exemplo moedas correntes com o símbolo do Partido Comunista gravado, o barrete frígio encimando as figuras reais, etc. Seria impossível enumerar todas as preciosidades que foram patenteadas e que tivemos o prazer de ver e ter nas mãos. Enfim, uma Conversa, feita por quem ama a Numismática e numa época em que a controvérsia da perda de um símbolo da nossa soberania, com a introdução do Euro, cria dúvidas e angústias nacionalistas.

27.ª Conversa - (12 de Dezembro): "José Régio, o Homem e o Professor", por Tito Costa Santos.

Esta Conversa finalizou, por assim dizer, o ciclo das comemorações do Centenário do Nascimento de José Régio, que a Associação promoveu e que começou com uma sessão de abertura na Sociedade de Língua Portuguesa no dia 16 de Novembro, a que se seguiu uma palestra na Sede em 20 de Novembro proferida pelo Prof. Doutor Eugénio Lisboa, culminando na **Tomada da Bastilha** no Casino Estoril, a 1 de Dezembro, em que foi recordado "Régio em Coimbra", igualmente pelo mesmo Professor, seguido de um "Excerto de um Concerto para José Régio", com a declamação de poemas por Aurelino Costa.

Mas toda esta homenagem não teria ficado completa sem esta Conversa feita por Tito Costa Santos, que, além de ter sido aluno do Mestre, conviveu com ele e com elementos das Tertúlias frequentadas por Régio em Portalegre. Conhecedor de certos factos que não vêm nas suas biografias, encantou todos os presentes com uma exposição rica, simples e muito agradável de particularidades que definiram melhor o Homem e o Poeta. Ilustrou ainda a sua exposição com a apresentação dum CD em que se ouviu a voz do próprio Régio dizer duas das suas mais conhecidas poesias: "A Balada de Portalegre" e o "Cântico Negro".

E assim se finalizou, e bem, o último trimestre das nossas "Conversas".

Isabel Alexandre

In Memoriam...

Só agora (dia 5 de Abril de 2002) tivemos conhecimento da morte do Senhor Eng. José Joaquim Valadas Branquinho, ocorrida no ano de 2000.

Embora com um atraso, que não é de nossa responsabilidade, não queremos deixar de recordar este nosso Colega que era o Sócio nº 530.

Deixaram-nos...

... no segundo Semestre de **2001**:

- ✦ Dr. José Maria do Amaral, Sócio 1043
– em 11 de Julho;
- ✦ Dr. António Coelho Lopes, Sócio 467
– em 30 de Julho;
- ✦ Dr. Joaquim Carmelo Rosa, Sócio 215
– em 22 de Outubro;
- ✦ Dr. António Graça, Sócio 349
– em 28 de Outubro;
- ✦ Dr. Diogo Ferreira de Sousa, Sócio 236
– em 27 de Novembro.

Paz às suas almas.

A Voz da Filantrópica

*Se alguma coisa há que valha
Na vida da Humanidade
É saber que não nos falha
Na hora certa a Amizade*

Ângelo Araújo

Luto!

A Associação e, pela segunda vez a Filantrópica estão de luto.

Morreu o Dr. António Graça, o nosso querido Colega Graça, um dos médicos que desde o início se prontificou a prestar os seus cuidados profissionais aos Sócios que os solicitassem. Não é apenas a Filantrópica que perde, todos nós perdemos o Colega cheio de alegria, grande animador dos nossos Passeios, o Colega sempre atento e disposto a ajudar. A sua memória permanecerá viva nos nossos corações.

A sua Família, por intermédio da que foi sua devotada Esposa, a nossa Colega Manuela Graça, colaboradora assídua do Ad-Hoc e também amiga da Filantrópica, pede-nos para transmitir, em seu nome, os agradecimentos a quem a acompanhou em momentos tão dolorosos, pois o agradecimento pessoal que desejavam fazer se torna impossível. Os muitos que marcaram presença agiram por amor e não por mera cortesia, não sentiram necessidade de assinar a folha, daí a referida impossibilidade.

Manuela; Coragem! Estamos Contigo!

ACTIVIDADES

- Saldou-se positivamente o último Almoço-Convívio realizado a 2 de Novembro de 2001, na A.F.A.P. Tivemos o gosto de ter entre nós alguns veteranos que tomaram parte activa nos nossos folgares rindo e cantando connosco, às vezes, comovidamente como o nosso Almirante Gualter Marques ao cantar "Adeus Coimbra, vamos embora" balada de despedida, tantas vezes cantada nos seus tempos de Coimbra. Todos os que quiseram tiveram o microfone ao seu dispor. Há sempre tanto para contar...! Aliás, o ambiente fraterno e alegre é timbre das nossas reuniões. Que assim seja até à Consumação dos Séculos!

- Pelo Natal, durante o Jantar na Valenciana, e por amabilidade da nossa Presidente, foi rifado um "Cabaz de Natal", primorosamente recheado com dádivas de Colegas. A Filantrópica arrecadou 186,30 Euros (Esc.: 37.350\$). Bem Hajam todos os que para isso contribuíram.

Maria Olga Reis

O NOSSO COFRE

Das Actividades promovidas pela Filantrópica durante 2001, com reflexo nas Contas do Exercício, realça-se a realização de um Chá-Convívio no Dia de Reis, de um Almoço-Convívio em Outubro passado e da venda de um Cabaz de Natal, a que anteriormente se fez referência, e que teve lugar no Jantar de Natal da nossa Associação na Valenciana.

Ao longo do ano, os Colegas Ângelo Araújo e Tito, contribuíram com donativos para a Filantrópica.

Como resultado destes movimentos, em fins de Dezembro a Filantrópica possuía como disponibilidade a quantia de Esc.: 723.552\$ (3.609,06 Euros), que se desdobrava em Esc.: 220.440\$2 (1.099,55 Euros) de depósito à ordem na CGD, Esc.: 524.138\$1 (2.614,39 Euros) como aplicação financeira e Esc.: 5.495\$ (27,41 Euros) em numerário para fundo de maneo previsto para pequenas despesas.

Estes valores são ainda muito limitados para que a Filantrópica possa desenvolver muitas das iniciativas que gostaria de levar a efeito.

Esperamos que da generosidade dos nossos Colegas e da intensificação da procura de novas fontes de proveitos, possa resultar uma maior capacidade de actuação da Filantrópica na prossecução das suas finalidades.

A todos desejamos um Ano de 2002 pleno de Felicidades.

António Braz dos Santos

COMEMORAÇÕES

I - Centenário do Nascimento de VITORINO NEMÉSIO

Passou em 2001 o primeiro centenário do nascimento do maior escritor açoriano nosso contemporâneo e um dos mais ilustres estudantes de Coimbra da terceira década do século XX: Vitorino Nemésio. A Casa dos Açores em Lisboa, de que o Poeta foi algum tempo presidente da Assembleia Geral, e a nossa Associação, cada uma por as suas razões, não podiam ficar alheias a tão importante efeméride. O facto de alguns dos directores da Casa dos Açores serem também nossos associados, facilitou a reunião das duas instituições em volta de um mesmo projecto: Celebrar o primeiro centenário de Nemésio com uma jornada nemesiana centrada em dois temas principais - os Açores e Coimbra na vida e na obra do grande escritor.

Com esse objectivo foi delineado um extenso programa, cujo desempenho se devia prolongar por toda uma tarde e noite até aí às 23 horas/meia-noite, do qual se contava fizessem parte duas conferências sobre os temas acabados de referir, leitura de poesias representativas da diversidade de linguagens usadas por Vitorino Nemésio na sua obra, algumas das suas "cantigas de terreiro" cantadas à viola sobre melodias populares açorianas, fado de Coimbra com poemas seus e música também inspirada no folclore musical dos Açores, um pequeno filme sobre a figura do Poeta e, a fechar, um concerto.

Certos de que tanto a sede da Casa dos Açores como a da nossa Associação seriam exíguas para conter o público previsto, optou-se pelo anfiteatro da Biblioteca Nacional, cujo director actual, Prof. Doutor Carlos Reis, é açoriano da mesma ilha de Vitorino Nemésio. Ali a jornada veio realmente a realizar-se no dia 27 de Outubro, com o anfiteatro superlotado, como esperávamos.

Dignaram-se assistir Suas Excelências o Dr. João Bosco Mota Amaral, Vice-Presidente da Assembleia da República, o Dr. Alberto Sampaio da Nóvoa, Ministro da República para os Açores, o Prof. Doutor Fernando Rebelo, Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, o Dr. Vasco Pereira da Costa, Director Regional da Cultura dos Açores, o Dr. Joaquim Ponte, deputado pelos Açores à Assembleia da República, o Dr. José Fernando Dinis Gomes, Presidente da Câmara Municipal da Praia da Vitória, entre muitas

outras personalidades de destaque em diversos sectores da vida portuguesa.

Deu início à jornada o Dr. Mário Mesquita, Presidente da Assembleia Geral da Casa dos Açores.

À sua alocução sucedeu a projecção de um pequeno filme intitulado *Saudades de Nemésio*, preparado expressamente para a ocasião pela Dr.ª Teresa Tomé, que fez nos arquivos da RTP-Açores a pesquisa e selecção das imagens e dos textos cuja montagem foi feita por Bruno Correia.

Finda a projecção, seguiu-se uma leitura de poesias de Vitorino Nemésio nas línguas e falares em que o poeta vazou a sua obra, pelo Dr. Jorge Lino (em português europeu continental), Dr.ª Teresa Machado (em francês), Dr.ª Maria Luiza Costa (em português da ilha Terceira), Juan-Gabriel Soutulho (em castelhano) e Salmo Faria (em português do Brasil).

A seguir, o Dr. Miguel Loureiro, Presidente da Direcção da Casa dos Açores, subiu ao palco para introduzir a parte do programa dedicada aos Açores, na vida e obra do autor de *O Mistério do Paço do Milhafre* e apresentar o primeiro conferencista, o Prof. Doutor António Manuel Machado Pires, Catedrático da Universidade dos Açores e Presidente do SIEN (Seminário Internacional de Estudos Nemesianos), que dissertou fluentemente e com larga cópia de informação sobre o *Universo Insular de Vitorino Nemésio*.

Esta parte do programa fechou com uma rapsódia popular nemesiana em que os Drs. João Maria Ornelas e Duarte Brás cantaram à viola modas dos Açores com poesias de Nemésio e a Dr.ª Maria Luiza Costa leu um excerto de um conto do mesmo autor.

Seguiu-se um intervalo para café, após o qual se deu início à parte dedicada a Coimbra na vida e obra de Vitorino Nemésio, introduzida pela Dr.ª Maria de Fátima Lencastre, Presidente da Direcção da nossa Associação, que também fez a apresentação do segundo conferencista, o Prof. Doutor Carlos Reis, Catedrático da Universidade de Coimbra e Director da Biblioteca Nacional, que tratou, com o brilho que lhe é peculiar, o tema *Coimbra no Tempo de Vitorino Nemésio e Nemésio no seu "Tempo de Coimbra"*.

A rematar, a leitura de um soneto de Nemésio sobre os *Campos do Mondego*, pelo Dr. Jorge Lino, e

fados de Coimbra, com poemas de Nemésio e melodias inspiradas em modas tradicionais dos Açores, cantados pelos Drs. António Sutil Roque e Arménio Marques dos Santos, acompanhados à guitarra por Alexandre Bateiras e à viola por João Gomes.

Concluída esta parte, foi servido no bar da Biblioteca um jantar oferecido pelo Ex.mo Presidente da Câmara da Praia da Vitória.

Seguidamente assistiu-se, novamente no anfiteatro, a um concerto de canto de modas açorianas por Carlos Alberto Moniz acompanhado por um quarteto de cordas e com comentários pelo mesmo Carlos Alberto Moniz.

Agradecimentos são devidos ao Presidente da Câmara da Praia da Vitória, da ilha Terceira, terra da naturalidade de Vitorino Nemésio, pelo patrocínio que tornou possível a realização do projecto com a dimensão que a Casa dos Açores e a nossa

Associação tinham sonhado; ao Prof. Doutor Carlos Reis por ter autorizado o aluguer do anfiteatro da Biblioteca para o efeito; ao Prof. Doutor Vasco Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, que, ao abrigo de um protocolo de cooperação com a Casa dos Açores, se prontificou a apoiar a deslocação a Lisboa de um dos conferencistas; ao Dr. António Fragoso, Director da RTP-Açores, por ter dado todas as facilidades para a pesquisa feita nos respectivos arquivos; ao artista Lisuarte Borges pela concepção e produção do material gráfico (poster, desdobrável, programa, etc.); e enfim, *last but not least*, a todos os intervenientes nesta jornada nemesiana: conferencistas, intérpretes de poemas, cantores e instrumentistas e autora do filme, por a terem tornado digna da memória do destinatário.

Eduíno de Jesus



A assistência atenta

II – Centenário do Nascimento de JOSÉ RÉGIO

Iniciámos o ciclo de comemorações do Centenário do Nascimento de José Régio com duas Tertúlias:

A 1ª em colaboração com a Sociedade de Língua Portuguesa, no dia 16 de Novembro, onde falaram sobre o grande escritor e poeta o seu Presidente e nosso Assessor Cultural Carlos Carranca e os nossos Sócios José Henrique Dias, Carlos Couceiro, Luiz Goes e Eduíno de Jesus, tendo o Grupo "Porta Férrea" prestado homenagem com uma Serenata de Coimbra.

A 2ª ocorreu na nossa Sede, no dia 20 de Novembro, com grande participação no interessante debate que se seguiu à Palestra proferida pelo consagrado regiano Prof. Doutor Eugénio Lisboa e ilustrada por poemas ditos pelo Carlos Carranca, que aqui deixamos registada para a posteridade:

"A palestra que, na Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra, pronunciei, no final do ano passado, não consistiu na leitura de um texto escrito mas, antes, numa conversa mais ou menos improvisada e apoiada tão só num resumido guião e nalguns apontamentos soltos. Reproduzi-la daria um texto enorme para o qual não tenho, de momento, disponibilidade. Dou, em sua substituição, o texto que segue.

Observava o paradoxal G.K. Chesterton, em quem Álvaro de Campos vigorosamente cuspiu (porquê?), que os homens verdadeiramente grandes são aqueles que nos fazem a nós sentir também grandes. A verdadeira grandeza contamina ou, se preferirdes, inspira. É difícil ler a poesia, a ficção, o teatro, o

ensaio ou as páginas confessionais de Régio sem nos sentirmos infectados – no sentido nobre do termo – pelo que nela há de perturbantemente grande. É uma obra cuja escrita pessoalíssima nos atinge em cheio por estar, ela, recheada de conteúdo – um conteúdo que a não estraga, antes a torna inquietantemente relevante. "La phrase est tout bourrée par l'idée, à encraquer" dizia Flaubert em carta a Baudelaire. De tantas falsas reputações que inundam, com algum êxito, o nosso mercado literário se poderá, sem inconveniente, dizer o que dizia Natalie Barney de certo autor: "Il se prépare un grand vocabulaire et attendit toute sa vie une idée". Está hoje muito na moda avaliar-se o mérito de um autor em termos de "linguagem", um autor seria grande mesmo que o picarescamente chamado "trabalho de linguagem" se exerça sobre um imenso vazio de ideias ou emoções...

A obra de Régio, como todas as grandes obras, tem os seus excessos, que são defeitos pressupondo excelências, se é verdade, como queria Coleridge, que "os defeitos dos grandes autores são excelências levadas ao excesso". Autor de muito perto de cinquenta obras (a publicação de todos os seus textos críticos e ensaísticos e do que for encontrado da sua correspondência deve induzir um número superior à meia centena), o autor de Biografia não se presta ao tratamento leviano, nem pela qualidade, nem pela profundidade, nem pelo volume.

O filósofo americano Ralph Waldo Emerson observou um dia que "o talento por si só não consegue fazer um escritor: tem que haver um homem por detrás do livro". Este foi, desde o início, o lema fundamental de Régio que o impôs, na Presença, logo a partir da publicação do primeiro número da revista coimbrã – que, com João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, idealizou e realizou.

Defensor de uma arte de fortes personalidades, isto é, de individualidades, José Régio soube sempre, no entanto, rejeitar a acusação de promotor de uma arte individualista, em sentido redutor: "A verdade", observou, "é que só é puramente individualista a arte inferior, a que nem directa nem indirectamente consegue iluminar humanidade profunda, a que apenas consegue revelar um caso sem probabilidades de alargamento. Por mais bizarros que nos apareçam os sentimentos, os pensamentos, as sensações, as emoções de alguns grandes artistas não podem deixar de girar à volta dos três ou quatro motivos eternos (...). Se ser individualista é ter e seguir obstinadamente uma individualidade – todos os grandes artistas são individualistas. Todos são também universalistas, se ser universalista é iluminar

a humanidade profunda e eterna." De facto, com Gide, Régio sempre defendeu que só há arte universal a partir do particular, do fortemente individualizado. "Tout en étant particulier vous êtes général", dissera-o já o seu mestre Flaubert, em carta ao escritor russo, Ivan Tourgueneff.

Como todos os escritores de grande lastro humano e estético, Régio originou todo um teor de desleitura que se foram traduzindo por "clichés" críticos, que acabaram por formar uma lenda tão pertinaz quanto estúpida. Reeditar tudo isso para mais uma vez contraditar tudo isso – confesso que me falece a coragem. Desde a absurda acusação de excesso de psicologismo feito a um escritor e aos seus camaradas da Presença por, precisamente, terem trazido à literatura portuguesa uma componente – a espessura psicológica dos personagens de ficção – em que, até aí, ela se mostrara tão pobre é, no mínimo, falta de pontaria. E foi, em cima de tudo isso, uma acusação falsa: toda a literatura de Régio (a ficção, o teatro, a poesia) intersecta audaciosamente o simbólico, o mítico, o místico, o social, o político... Reduzir uma teia tão sedutoramente complexa a uma só das suas componentes é péssimo exercício de leitura ou manifestação de estratégia de deliberada descaracterização.

Igualmente, a acusação de excesso de esteticismo dirigida a um autor que nunca se importou de acolher, festejando-os, o desleixo, o desarrumo, a fragmentação (Brandão, Dostoiewsky, etc.) – é prova, mais uma vez, de desleitura ou má fé. Claro que, artista, a arte lhe importava: "Quand on fait une chose, il la faut bien faire", dissera-o Flaubert e dizem-no todos os artistas com a condição de serem sérios. Mas nem Régio, nem Simões, nem Casais deram jamais provas de irredutível fundamentalismo esteticista.

A obra de Régio é uma longa confissão, mas é uma confissão especial. Régio entrega-se com decisão e energia mas, contraditoriamente, com relutância e pudor, aos poucos, provocando o leitor, "citando-o", como se diz em linguagem tauromáquica, mascarando-se, dividindo-se, "fingindo-se". Gerações inteiras vão acusá-lo de narcisismo, por dizer: "Eu", esquecendo-se de que este "Eu" é um representante acreditado dos outros, este "Eu" é plural.

A obra de Régio que neste momento celebramos é, assim, todo um discurso em que aparentemente fala de si para atingir os outros. Nascida de uma lúcida e intrépida introspecção, ela é uma prospecção de alto quilate artístico dos abismos e virtudes de todos nós.

Eugénio Lisboa"

Os Nossos Poetas

ENCONTRO

*Neste mundo, por mundos repartido,
De reflexão e amor bastante ausentes,
Faz bem viver instantes diferentes,
Num encontro de amigos, bem sentido.*

*Nos tempos de hoje, tão irreverentes,
Faz bem pensar num mundo construído
Com pedaços de um outro já vivido,
E que nos foram muito conscientes.*

*Aqui estamos, amigos, novamente,
Mais novos e mais velhos, lado a lado,
E todos convivendo alegremente.*

*Aqui estamos e todos, de bom grado,
Dando mais outro e novo passo em frente,
No mundo novo, há muito desejado.*

Albino H. A. Brito Matos

COIMBRA

*O Mondego, Choupal e Santa Cruz,
Santa Clara e Penedo da Saudade
Fazem lembrar a nossa mocidade
E o que em Coimbra ainda nos seduz.*

*Todos estes pedaços da cidade,
A que se ligam as trupes do passado,
Tricanas, o Mondego e o velho fado,
Tudo está a perder a dignidade.*

*É assim este mundo em que vivemos.
Não há amor às nossas tradições,
Nem louvor à cultura que tivemos.*

*Mas de tantas e tantas convulsões,
Resta-nos a amizade, que mantemos,
Que prende bem os nossos corações.*

Viseu, 22-09-2001

Albino H. A. Brito Matos

50 ANOS DEPOIS

*Abri o Livro da Queima,
Fui à procura de mim...
Respondeu-me o vento Norte
Em gargalhada sem fim...*

*Abri o Livro da Queima,
Pus-me a fazer a chamada!
Muitos dos meus companheiros
Tinham ido de longada...*

*Abri o Livro da Queima,
E gritei alto: Amigo!
Onde quer que te encontres
Em breve serei contigo.*

*Fechei o Livro da Queima,
Senti a alma a sorrir,
Fechei o Livro da Queima,
Nunca mais o quero abrir!*

Maria Olga Reis

CONFERÊNCIAS

Sobre "MACAU – OS DESAFIOS DA TRANSIÇÃO E A CRIAÇÃO DUMA REGIÃO ADMINISTRATIVA ESPECIAL DA CHINA"

Em 13 de Julho, no Hotel Mundial, o Dr. Jorge Rangel, ex-Secretário Adjunto do Governo de Macau e hoje Presidente do Instituto Internacional de Macau, ofereceu-nos, uma vez mais, algum do seu muito saber de experiência feito, perante uma assembleia atenta de 90 convivas, dizendo-nos:

"Um ano e meio após a criação da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China, é com especial satisfação que venho recordar, neste encontro da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, um percurso intensamente vivido, que permitiu que, ali, se cumprisse uma importante missão, em nome de Portugal.

Quando Portugal e a República Popular da China subscreveram, em 1987, a Declaração Conjunta sobre a Questão de Macau, ficou definido o enquadramento político do período de transição, com vista à transferência do exercício da soberania no dia 20 de Dezembro de 1999. Aos Governadores de Macau, como representantes dos órgãos de soberania da República Portuguesa, coube a responsabilidade e a missão histórica de, ao longo de doze anos, criar as condições para a plena viabilização daquele acordo e contribuir para o estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau, a qual seria dotada de ampla autonomia e de órgãos executivo, legislativo e judicial próprios. Importava, por outro lado, assegurar que o sistema económico de Macau e a maneira de viver da sua população fossem mantidos, continuando também basicamente inalterada a legislação anteriormente vigente.

Não obstante alguns pequenos acidentes de percurso, devidos mormente à pouca estabilidade governativa, com sucessivas mudanças no topo da hierarquia do território nos primeiros anos do período de transição, foi possível definir, desde logo, as grandes prioridades e os programas de acção, em consonância com os objectivos consignados no documento firmado e ratificado pelos órgãos políticos competentes dos dois Estados.

A área das infra-estruturas mereceu, durante todo esse período, a maior das atenções, transformando-se o território num imenso estaleiro, tendo sido edifi-

cado um conjunto invejável de equipamentos sociais, além de grandes empreendimentos, o mais significativo dos quais foi o aeroporto internacional, aspiração constantemente adiada de sucessivas gerações. Com a sua própria companhia aérea – a Air Macau – o território ganhou então uma nova dimensão e ligações directas a outras partes do mundo, deixando de ser um enclave com entrada e saída obrigatória através de Hong Kong, por via marítima, e acesso apenas à província chinesa de Guangdong pela fronteira terrestre.

Dezenas de novas escolas e centros de saúde foram construídos, assim como estradas, pontes, estações de tratamento de águas, recintos desportivos diversificados e de grande qualidade, jardins, parques e outras zonas de lazer, novos edifícios públicos, um terminal de contentores e um novo terminal marítimo, para facilitar o escoamento de mais de 15 milhões de passageiros por ano.

A qualidade de vida tornou-se um objectivo inalterável. Ao mesmo tempo, para contrariar a exiguidade dos espaços disponíveis, resgataram-se vastas áreas ao mar, conhecendo o investimento imobiliário um crescimento espectacular.

Quem visitou Macau na década anterior dificilmente podia acreditar nas profundas mudanças operadas. Duma cidade quase adormecida ainda na década de 70, Macau ganhara contornos de moderna metrópole, apostada no futuro.

A Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau, cuja elaboração foi da exclusiva responsabilidade da República Popular da China, incorporou, entretanto, os grandes princípios do acordo firmado com Portugal. No corpo da lei ficaram também referidos todos os direitos, liberdades e garantias de que já gozavam os habitantes de Macau, incluindo, obviamente, as liberdades de expressão, de associação, de reunião, de movimento, de imprensa, de religião, de manifestação e de escolha de profissão e o direito à propriedade privada, estabelecendo ainda a igualdade dos residentes perante a lei, sem discriminação em razão de nacionalidade, ascendência, raça, sexo, língua, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução e situação económica ou condição social.

A lei assegurou também o funcionamento de um poder judicial independente, incluindo o de julgamento em última instância. Neste domínio, não só se intensificou a formação de novos magistrados judiciais e do ministério público, através de um centro de formação criado expressamente para o efeito, como se deu particular atenção à adaptação dos grandes códigos e à tradução jurídica, para que a legislação pudesse vigorar para além de 19 de Dezembro de 1999. Importava, ainda que o tempo fosse curto, criar todas as condições para a manutenção de um sistema jurídico que constituía um dos principais legados de Portugal.

A cultura era outra área fundamental para a afirmação e preservação da identidade de Macau. Aqui, é imperioso referir que a Lei Básica, além da língua chinesa, consagrou também a língua portuguesa como língua oficial. Além disso, conferiu ao governador da Região Administrativa Especial de Macau a competência para definir, por si próprio, as políticas de educação, bem como as relativas à ciência e tecnologia e à cultura, incluindo as respeitantes à literatura, à arte, à radiodifusão, ao cinema, à televisão e à imprensa e edição, determinando ainda a protecção dos locais de interesse histórico e demais património cultural e histórico.

A preservação e a valorização desse património constituíram, desta feita, uma preocupação essencial, com direito a um investimento público verdadeiramente invulgar. Uma intervenção correcta nas igrejas e templos de diversas denominações, fortalezas e outros monumentos, bem como nos conjuntos e sítios classificados, foi unanimemente reconhecida. Interessava, naturalmente, fazer com que a mensagem das pedras da História continuasse viva. A par disso, nasceram novos museus, de indiscutível qualidade e diversidade, além do Centro Cultural de Macau, palco hoje de grandes manifestações culturais e artísticas impossíveis de levar a efeito no passado.

Mas, de todas, a área de intervenção mais difícil terá sido a da formação e valorização de recursos humanos. Lembrámo-nos sempre aos chineses, nas nossas reuniões, que podíamos construir pontes em dois anos e um aeroporto em três, mas um quadro qualificado, em condições de assumir responsabilidades de chefia, nunca em menos de dez. Foi preciso preparar novos dirigentes para a Administração Pública e alargar as oportunidades de acesso ao ensino superior. O período de transição ficou, assim, também marcado pela grande aposta na educação e foi determinante o papel das instituições de ensino superior entretanto criadas.

Além duma reforma do ensino, amplamente participada por todos os sectores da comunidade ligados às actividades educativas, permitindo dar ao território um sistema educativo próprio, onde antes coexistiam diversos modelos importados, foi o ensino superior que conheceu um notável desenvolvimento. Em 1991, foram formalmente instituídas a Universidade de Macau (que herdou a experiência duma universidade privada) e o Instituto Politécnico de Macau. Além destas instituições públicas, numa responsabilidade partilhada, foram fundados também organismos privados, como a Universidade Aberta Internacional da Ásia, usando métodos de ensino a distância, o Instituto Inter-Universitário de Macau, intimamente associado à Universidade Católica Portuguesa, o Instituto de Formação Turística, compreendendo uma escola superior e uma vocacional, e o Instituto de Estudos Europeus, além da Escola Superior das Forças de Segurança e uma multiplicidade de centros de formação abarcando as mais variadas especialidades, desde a pilotagem à cartografia.

Por outro lado, milhares de bolsas de estudo foram facultadas aos estudantes de Macau e um sistema de empréstimos, sem juros, facilitou extraordinariamente o acesso aos estudos superiores, no território e no exterior.

A década de 90 foi a década do ensino superior, em que as oportunidades oferecidas à juventude se alargaram de acordo com as suas mais legítimas expectativas. Ao longo da década, Macau viu também os seus novos dirigentes concluírem ou aperfeiçoarem a sua formação, tendo sido possível, até ao final da Administração Portuguesa, fazer com que quadros locais qualificados fossem substituindo gradualmente os directores e outros funcionários superiores oriundos dos serviços públicos de Portugal. No dia 20 de Dezembro de 1999 este desiderato estava atingido, não obstante as carências e as dificuldades experimentadas.

Finalmente, uma referência à situação económica e financeira, que viabilizou a concretização de todos os programas delineados. Não obstante a crise asiática, que afectou fortemente toda a vasta área geográfica em que Macau se insere e que obrigou a redobradas cautelas na gestão financeira do território, foi possível trabalhar durante toda a última década da Administração Portuguesa com orçamentos equilibrados e sem recurso à dívida. Este foi um princípio fundamental da gestão financeira: não deixar que as despesas fossem superiores às

receitas. Foi com saldos orçamentais apurados em cada ano que se fizeram as infra-estruturas e se fez uma aposta decisiva na educação, na saúde, na habitação e na acção social. Houve, felizmente, meios para tudo e apenas se contraíu um empréstimo para a construção do aeroporto, o qual foi saldado em 1999.

Quando o novo chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau tomou posse, não só herdou um território preparado para se afirmar no futuro e com um rendimento "per capita" superior a 17 mil dólares americanos, mas também recebeu, em numerário, o equivalente a um orçamento anual, além de muito significativas reservas cambiais, suporte seguro para a moeda local, a pataca, que iria manter-se após a transição.

Com as cerimónias realizadas nos dias 19 e 20 de Dezembro, perante os mais altos magistrados das nações portuguesa e chinesa e representantes de muitos países e de organizações internacionais, a missão de Portugal, que coube ao Governo de Macau executar, estava cumprida.

Tudo foi feito para que Macau tivesse uma transferência de poderes serena e que a Região Administrativa Especial de Macau nascesse de forma correcta, respeitando o espírito e a letra da Declaração Conjunta Luso-Chinesa.

Apesar de alguns problemas de segurança que se fizeram sentir mais nos últimos anos da Administração Portuguesa, com as principais tríades chinesas, flagelo de toda aquela área geográfica, a travarem uma luta sem tréguas entre si, a transição não foi afectada. Convém mesmo lembrar que a justiça funcionou, quando as forças policiais actuaram e os tribunais condenaram os criminosos que puseram em causa a ordem pública e a tranquilidade dos cidadãos. Por isso, foi em ambiente de festa que o General Vasco Rocha Vieira, último Governador, passou as responsabilidades da governação ao Dr. Edmundo Ho, primeiro chefe do Executivo sob soberania chinesa. Fê-lo com impressionante dignidade, depois de ter sabido assumir, com sentido de Estado e espírito de missão, a governação naqueles difíceis nove anos finais da presença política e administrativa de Portugal.

Embora fosse, infelizmente, claro para nós que alguns dirigentes da nação portuguesa apenas queriam fechar rapidamente o "dossier Macau", as responsabilidades de Portugal não cessaram. Ficaram em Macau ainda muitos portugueses. Ficou em Macau o maior Consulado-Geral de Portugal no

mundo. Ficou uma Escola Portuguesa, dependente do Ministério da Educação de Portugal, com mais de 800 alunos. Ficou um sistema de ensino singular, que é o ensino luso-chinês. Ficaram empresas portuguesas ou ligadas a grupos económicos portugueses. Ficaram instituições culturais portuguesas. Ficou a comunidade macaense, com as suas associações e outras organizações de matriz portuguesa. Ficou uma juventude, muito mais preparada para aceitar e vencer os desafios que as novas tecnologias nos vão lançando todos os dias. Ficaram promessas que é preciso cumprir.

Ficaram também as pedras. Ficou uma história e uma memória de quase cinco séculos em que povos e civilizações tão diferentes souberam coexistir num espaço exíguo, que foi o ponto de encontro mais duradouro do ocidente com o oriente. Ficou, enfim, esta jóia ímpar, física e humana, chamada Macau, que perdurará eternamente na nossa memória, mas que pode e deve ainda constituir, para Portugal, um apelo e um desafio.

Por tudo isso, valerá a pena chamar a atenção do grande mundo de língua portuguesa para que os laços com Macau se reforcem. De forma sólida, com o realismo que se impõe e envolvendo as instituições da sociedade civil numa cooperação útil e consequente.

Dezanove meses volvidos, podemos constatar que, de um modo geral, a República da China soube respeitar o princípio "um país, dois sistemas", salvaguardando a singularidade de Macau, embora com alguns visíveis recuos e desvios, justificáveis ainda pela procura de caminhos e pelo ajustamento de objectivos nesta nova fase da vida de Macau. Oxalá não falte lucidez e determinação aos governantes para fazerem cumprir tudo o que foi garantido à população de Macau e eles saibam corresponder às enormes expectativas que, ao lado de muitas ansiedades e interrogações, marcaram o arranque de mais esta experiência política que todos, em Macau, querem que seja bem sucedida."



Um pequeno apontamento visual...

Noticiário

I - JANTARES MENSAIS

Realizaram-se, em Julho e Dezembro, dois dos mais antigos eventos que todas as Direcções da nossa Associação têm levado a efeito.

Estes jantares são informais; cada um escolhe o lugar que quer, sem reservas, e junta-se aos colegas e amigos para comungar de uma alegria saudável que contagia.

Aí são lembrados, sempre, os aniversariantes do mês a quem é oferecido o Bolo que cortam e distribuem por todos os presentes. Os "parabéns a você" não são mais que uma comunhão com a festa dos que vêm passar mais um ano, num ambiente bem coimbrão.



Aniversariantes de Junho e Julho

A animação destes Jantares é diferente. Por vezes, são os presentes que têm de manter o espírito de Coimbra, com intervenções de sabor a irreverência dos nossos tempos da Universidade. E se faltam as vozes, a viola e a guitarra, o que é raro, improvisam-se cantos e poemas e anedotas, num ambiente alegre e feliz como nos tempos da mocidade longínqua!

Os que se inscrevem na certeza de que vêm para um ambiente informal, é certo, mas onde respiram amizade, alegria e a descontração que é saudável e reencontram amigos para "matar saudades" dessa Coimbra sempre lembrada.

Maria Antónia

II - ENCONTRO DOS "BÁLTICOS"

Teve lugar, desta vez quase logo a seguir, para não esfriar o entusiasmo, e a ele acorreram quase todos os participantes para recordarem os magníficos locais visitados, em vídeo e nas fotografias expostas que um Júri avaliou, atribuindo os 3 prémios às três melhores: Hugo Taborda, Élia Lobo e Maria Helena Cunha.

No final, o tal lanche que todos saborearam com deleite.

III - GRUPO AD-HOC

O Ad-Hoc já é um grupo conhecido de todos nós. As suas actuações têm já sido bastantes e, sem falsa modéstia, quase sempre com sucesso.

São 14 elementos que, às 5^{as} feiras das 15h00 às 16h00, no Salão, enchem os ouvidos dos presentes na nossa Sede com as melhores melodias de sempre!

É uma actividade que, num ambiente de franca alegria, demonstra os benefícios que o canto em grupo traz à saúde física e mental dos seus participantes.

Por vezes, há desafinação; mas o que se pode esperar de um Grupo de sócios e sócias, formado "ad-hoc" e sem maestro?! Resta-nos a esperança que apareça um voluntário e mais vozes a enriquecê-lo.

Maria Antónia



O virtuosismo dos "jovens"

IV - AULAS DE GINÁSTICA DE MANUTENÇÃO

As sessões de **Ginástica de Manutenção** continuam todas as 2^{as} e 4^{as} feiras, das 15h30 às 16h30, no Salão da nossa Sede. A Direcção nota com muito agrado o entusiasmo das participantes, que alegremente prosseguem fins de salutar convivência, aproveitando de uma actividade que lhes permite manter a forma física que para todas é benéfica.

São visíveis os resultados alcançados pelas 15 Sócias inscritas nestas aulas de ginástica – os quais esperamos se multipliquem através de novas inscrições.

Maria Antónia



A "juventude" em plena forma

V - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ❖ Mantivemos a nossa ligação à jovem **Associação Académica de Coimbra**, participando nas suas actividades, fazendo-os colaborar nas nossas e proporcionando a actuação de Grupos de Fados em Lisboa (na "Severa" e na "Casa da Guitarra Portuguesa e do Fado");
- ❖ Colaborámos com o **Grupo de Arqueologia e Arte do Centro** (Coimbra) na homenagem em Lisboa "Lembrar Pad'Zé (Dr. Alberto Costa)", com uma romagem à antiga sede do Jornal "O Mundo", hoje "Associação 25 de Abril", e ao Cemitério dos Prazeres, com deposição de uma lápide na campa;
- ❖ Felicitámos de viva voz a **Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto** no seu 8º Aniversário e assistimos a um Sarau de elevada qualidade, com música clássica e ligeira, teatro, poesia e a habitual Serenata de Coimbra;

- ❖ Participámos nas homenagens a **Carlos Paredes** promovida pela AAC e pela Câmara Municipal de Lisboa;
- ❖ Estivemos presentes na Abertura Solene das Aulas e outras comemorações da **Universidade de Coimbra** (como a inauguração do Anfiteatro da Fac. de Direito), nos Aniversários das AAEC nossas congéneres e nos eventos da Associação dos Antigos Orfeonistas;
- ❖ A **Casa dos Açores** e a **Juventude Musical Portuguesa** convidaram-nos à vénia a D. Duarte de Bragança, aquando da "*Comemoração do Centenário da Visita Régia aos Açores*" pela Rainha D. Amélia, com seleccionado programa de música clássica e a prova de petiscos e doces daquela época;
- ❖ Convivemos ainda com outras entidades e instituições, como a *Casa da Académica em Lisboa*, a *Sociedade de Geografia*, o *Elos Clube de Lisboa*, a *Sociedade da Língua Portuguesa*, a *FNAC*, a *C.M. de Lisboa*, *C.M. de Cascais* e a *Associação dos Deficientes das Forças Armadas*.

Novos Sócios Admitidos...

...em 2001 (de 12 de Junho a 31 de Dezembro foram 17):

- Dr.^a D. Maria Fernanda Quadros G. Dantas
- Dr.^a D. Maria do Céu Peça Soares Lopes
- Dr.^a D. Maria da Glória P. M. Rita
- Dr.^a D. Maria Teresa Gomes da Gama Morais
- Dr. Vasco Cunha de Magalhães Ferreira
- Dr.^a D. Maria Isabel Ferreira de Campos Serafim Gaspar
- Dr. Alfredo Prazeres Guerra Gomes
- Dr.^a D. Josefina Rita Veiga Moura
- Dr. Élio da Silva Amaral
- Dr.^a D. Maria Luísa Rosado Simão
- Dr. Mário José de Araújo Torres
- Dr.^a D. Ilda da Conceição Santos Neves Mota
- Eng. Carlos Alberto Pereira da Costa
- Dr. Alípio Duarte Calheiros
- Dr. José Alberto de Almeida Marques Vidal
- Eng. António da Silva Simões Raposo
- Dr.^a D. Maria Júlia de Carvalho

Se não sabias, Ficas a saber que ...

- ♣ **Continua a generosidade** dos nossos Sócios e Amigos a enriquecer a Biblioteca e Arquivo, com livros e outro material. E foram eles:
 - Carlos Santarém Andrade, Natália Maia Morais, Francisco Chichorro, Ernesto Coutinho, Maria do Céu Santos, Teresa Leónidas, João Maria Rodrigues, Centro de Arqueologia e Arte do Centro, Walter Hugo Lemos (Câmara Municipal e Casa-Museu José Régio de Vila do Conde), Eng. José Reis Pereira;
 - Foi também feito um painel com os azulejos oferecidos, há já algum tempo, pela Teresa Leónidas
 - Destacamos também a oferta de um aspirador pelo casal Braz dos Santos e um gira-discos pela Teresa Leónidas e Carlos Rocha.

Bem-hajam a todos!

- ♣ O nosso veterano do Fado de Coimbra **Ângelo de Araújo** foi homenageado com afixação de uma lápide contendo versos seus no Penedo da Saudade em Coimbra, concretizando-se uma velha ideia do nosso General Quintela, que a Casa da Académica em Lisboa e um Grupo de Amigos resolveram pôr em prática no dia 23 de Novembro.
- ♣ O nosso Presidente da Assembleia Geral, **António de Almeida Santos**, não esgota a sua rica veia literária, tendo oferecido à nossa Biblioteca, em 2001: "Contos do Tempo do Ódio", "Quase Retratos", "Avisos à Navegação" e "Paixão Lusófona".
- ♣ Também o nosso Assessor Cultural **Carlos Carranca** enriqueceu a nossa Biblioteca com: "Íntima Idade", apresentado no Museu da República e Resistência.

A REAL REPÚBLICA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA tem já existência jurídica, através do seu registo na Conservatória do Registo Nacional de Pessoas Colectivas.

A este "arranque" seguiram-se mais diligências promissoras, para cuja concretização carecemos da adesão e interesse de todos!...

1 - Ainda temos Sócios com **Quotas** em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (as dos anos 2000 e 2001 perfazem 750 contos...)

Quando estarão todas em dia? **Não podemos "viver" sem elas! E as despesas de funcionamento da nossa Associação tendem a acompanhar a inflação!**

E... ainda subsiste um resto da dívida ao BPI para a compra da SEDE.

Quem será o Sócio que a fecha com chave de "coração de ouro"?

CAPA E BATINA

**DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO
ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA**

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 - 1.º • 1000-046 LISBOA
TELEF.: 21 849 41 97 FAX: 21 849 42 08 E-MAIL: aaecl@oninet.pt

PERIODICIDADE: SEMESTRAL • TIRAGEM: 1 000 EXEMPLARES

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO